



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

CENTRO DE LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**A IMPRENSA LONDRINENSE NOS TEMPOS DA DITADURA
CIVIL-MILITAR (1964-1973)**

GEOFREI RODRIGO DOS SANTOS DIAS

Londrina
2008

A IMPRENSA LONDRINENSE NOS TEMPOS DA DITADURA CIVIL-MILITAR (1964-1973)

GEOFREI RODRIGO DOS SANTOS DIAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual de Londrina – UEL, como
requisito parcial para a obtenção do título de licenciatura
em História.

Orientador: Prof. Dr. Hernán Ramiro Ramirez

Londrina
2008

A IMPRENSA LONDRINENSE NOS TEMPOS DA DITADURA CIVIL-MILITAR (1964-1973)

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, apresentado à UEL - Universidade Estadual de Londrina, no Centro de Ciências Humanas, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em História, com nota final igual a _____, conferida pela Banca Examinadora formada pelos professores:

Prof. Dr. Hernán Ramiro Ramirez
Universidade Estadual de Londrina

Prof^a Leange Alves Severo
Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Francisco César Alves Ferraz
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, ____ de _____ de 2008.

AGRADECIMENTOS

À Deus primeiramente. Sem ele nunca teria chegado até aqui e conquistado tudo o que consegui em toda a minha vida.

A minha mãe pela ajuda e apoio para que, mesmo diante das maiores dificuldades, ela fizesse eu olhar para frente e acreditar em meu potencial.

Ao meu pai que, todo esse tempo lutou para que terminasse as faculdades mesmo com as dificuldades que passamos nesses últimos quatro anos pois tive que abrir mão do trabalho para me dedicar somente aos estudos.

Ao Pedro Antony Dias, que fez somente alegrou minha casa com a sua chegada fazendo com que cada momento fosse mais divertido.

Ao Jacques Henrique Dias, meu irmão, que com toda a sua sabedoria me incentiva, cada vez mais, ir em busca de conhecimento e sabedoria.

À Fernanda, minha namorada, pelo amor que recebi durante esses anos todos fazendo com que cada dia tivesse um sabor especial apesar das dificuldades do curso.

Ao professor Hernán Ramiro Ramirez pelas orientações históricas e pelas dicas metodológicas fundamentais para um trabalho acadêmico.

À Prof^a Leange Severo Alves pelas orientações jornalísticas deste trabalho tornando possível, não somente a execução do mesmo, mas também as entrevistas realizadas com os jornalistas e o trabalho com os jornais da época militar.

Aos professores que nesses quatro anos contribuíram para a minha formação acadêmica (Maria de Fátima, Jozimar Paes de Almeida, Adriana de Fátima Ferreira, Karen Silvia Debertolis, Edenilson de Almeida, Lauriano Atilio Benazzi, Wilson Sanches, Reinaldo Cesar Zanardi) compartilhando seus conhecimentos e auxiliando em meu crescimento pessoal e profissional.

À Celina do departamento de História, que estes quatro anos auxiliou de todas as maneiras todos os alunos do curso, sendo um grande exemplo para todos nós de pessoa e profissional.

E a todos aqueles que apesar de não mencionados, contribuíram

para que eu chegasse até aqui.

MUITO OBRIGADO!

Estamos vendo a mais desenfreada guerra de ódios, o extravazamento monstruoso de rancores e tudo mais, em nome do povo. O direito cedeu lugar à força e a Constituição curvou-se ante as baionetas. (O *Combate* – maio/1964)

RESUMO

Visa-se com esta pesquisa analisar como a imprensa de Londrina reagiu aos primeiros anos do regime militar, desde o golpe militar de 1964 até 1973 com o auge da repressão. Foram utilizadas fontes orais, bibliografia específica e jornais do período em questão. Estudou-se a abordagem dos jornais, da colaboração à oposição, passando por várias outras estratégias intermediárias.

Palavras-chave: Imprensa. História Política. Londrina. Censura.

ABSTRACT

The aims of this research was to examine how the press of Londrina reacted to the early years of military rule, since the military coup of 1964 until 1973 with the peak of repression. Have been used oral sources, bibliography and specific period of the newspapers concerned. It was studied the approach of newspapers, opposition to the collaboration, through various other strategies intermediary.

Key-words: Press. Political history. Londrina. Censorship.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 A “REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA” NA CIDADE DE OPOSIÇÃO	14
1.1 OS JORNAIS LOCAIS: COMO A IMPRENSA NOTICIOU O GOLPE	21
1.1.1 O golpe militar nas páginas do jornal Folha de Londrina.....	22
1.1.1.1 “Repressão à sombra dos cafezais”	24
1.1.2 O golpe nas páginas de O Combate	26
1.2 DITADURA, E AGORA?	28
1.3 PERSEGUIÇÃO E TORTURA EM LONDRINA.....	31
2 COMO TUDO COMEÇOU	34
2.1 O GOVERNO JOÃO GOULART	35
2.2 O GOLPE MILITAR E O APOIO DA GRANDE IMPRENSA.....	40
2.3 ENDURECIMENTO DO REGIME: A IMPRENSA NA BERLINDA	43
3 LONDRINA: A IMPRENSA E O REGIME	48
3.1 OS JORNAIS.....	48
3.2 OS JORNALISTAS.....	54
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS	63
APÊNDICE	66
APÊNDICE 1 MACARINI, Walmor. Entrevista concedida ao autor em 6 de outubro de 2008.	67
APÊNDICE 2 - BULIK, Linda. Entrevista concedida ao autor em setembro de 2008.....	72
ANEXOS	75
ANEXO 1 - Jornal ‘MEU BRASIL’. 31 de Março de 1971.....	76
ANEXO 2 - Jornal ‘FOLHA DE LONDRINA’. 1 de abril de 1964.	77
ANEXO 3 - Jornal ‘FOLHA DE LONDRINA’. 3 de abril de 1964.	78
ANEXO 4 - Jornal ‘O COMBATE’. Maio de 1964.	79

INTRODUÇÃO

Durante a ditadura civil-militar, o Brasil passou por um dos mais difíceis períodos de sua história. O golpe de 1964 transformou as relações entre a sociedade e o Estado. Começava, então, uma tentativa de controle da informação.

Neste contexto, objetiva-se analisar o modo com que a imprensa londrinense retratou o golpe militar no período inicial da ditadura civil-militar, ou seja, de 1964 a 1973, período que compreende o início da ditadura militar até o auge da repressão. Entretanto, a referência a acontecimentos aquém do marco temporal de enfoque desta pesquisa deve-se ao fato de alguns acontecimentos serem demasiadamente importantes ou relevantes para este trabalho ou para a compreensão do objeto de estudo.

É válido lembrar, também, que esta pesquisa faz parte de um objeto de estudo amplo e riquíssimo em documentos ainda não explorados. Deste modo, este trabalho não tem a pretensão de esgotar o objeto de estudo, e sim apenas iniciar uma pesquisa, que ainda tem um longo caminho pela frente.

Assim, pode-se inferir que, a exemplo dos grandes jornais, a imprensa londrinense também sofreu com a censura imposta pelo Estado, sendo que “eram ilegais e ocultas do público tanto quanto fosse possível (...) eram executadas de acordo com uma série de procedimentos padronizados e repetidos no país inteiro”¹. Desta forma, pôde-se verificar que, da mesma maneira que os grandes veículos estiveram à mercê da censura imposta pelo governo militar, “a imprensa em Londrina, como no resto do país, sofre censura. (...) A censura se manifestou de várias formas, desde censura prévia aos órgãos de comunicação até o medo que provocava a auto-censura”².

A censura, assim como nas grandes capitais, também foi implacável contra a imprensa londrinense, como descrevem os jornalistas Marinósio Filho e Marinósio Neto.

Smith afirma que a imprensa consentiu com a ditadura militar. A autora diz que o que reprimiu a imprensa no Brasil não foi tanto o medo, mas a

¹ SMITH, Anne-Marie. **Um acordo forçado**: o consentimento da imprensa à censura no Brasil. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p.95.

² FILHO, Marinósio; NETO, Marinósio. . **História da imprensa de Londrina**: do baú do jornalista. Londrina: UEL, 1991. p.96

rotina, fato que fez com que, também, houvesse uma aceitação do regime por parte da imprensa. “Durante anos, os atores da imprensa aceitaram essas proibições ilícitas, passaram recibo, registraram-nas, fizeram-nas circular até o redator certo, não realizando, então, a cobertura ou investigação do assunto proibido”³. Ainda, segundo a pesquisadora, “alianças sólidas na imprensa poderiam ter contribuído para uma situação diferente daquela que a imprensa teve de enfrentar em sua ausência”⁴.

Apesar do consentimento geral à censura, alguns casos marcaram a história da imprensa brasileira por meio da ação de alguns jornalistas. Foram atos heróicos assumidos por alguns profissionais que demonstraram, mesmo diante dos impedimentos, lutar pelo exercício da profissão.

Como procedimento metodológico para a realização deste trabalho de natureza acadêmico-científica, a fim de promover uma ampla discussão sobre a cobertura jornalística empreendida pelos veículos de comunicação de Londrina, diante do golpe de 64 e os primeiros anos sob o jugo do governo civil-militar, foram selecionados desde fontes primárias, jornalistas que vivenciaram os momentos tensos nas redações de jornais no período entre 1964 a 1973, que foram analisadas por meio da história oral, a jornais locais e nacionais que tratam de assuntos referentes à ditadura e ao golpe de 64, além de bibliografias específicas.

Para as entrevistas realizadas com os profissionais de imprensa que viveram sob a censura, foi utilizada a técnica da entrevista em profundidade para coleta de dados, descrita por Jorge Duarte, classificada por ele como “entrevista individual em profundidade, técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada”⁵.

Um dos entrevistados para esta pesquisa é o jornalista Walmor Macarini, diretor de redação da *Folha de Londrina*, que nos pode dizer sobre a visão que a grande imprensa teve do golpe militar, além dos bastidores da redação enquanto responsável pelas publicações do veículo de comunicação.

Conversou-se também, com a jornalista Linda Bulik, que vivenciou

³ SMITH, Anne-Marie. *Op. Cit.* p.10-11

⁴ *Idem.* p.170.

⁵ DUARTE, J. e BARROS, A. (org). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

as tensões da redação durante o auge da ditadura militar.

Em contraste com os depoimentos das fontes orais, jornais locais forneceram as bases para consolidar ou contestar os argumentos obtidos através das entrevistas, bem para ilustrar os depoimentos dos entrevistados. Desta maneira, têm-se as bases para estabelecer a posição defendida pela imprensa local diante do golpe de 64 e os primeiros anos da ditadura, analisando assim, a cobertura jornalística e a posição da imprensa nos primeiros anos do regime.

Dentre os jornais utilizados nesta pesquisa destaca-se o jornal *O Combate*, do jornalista Marinósio Filho, que no início da ditadura já se manifestava contrário às ações desenvolvidas pelos militares. O jornalista denunciava em seus editoriais o exagero cometido pela ditadura em seu início, além de criticar as atitudes “democráticas” da chamada “Revolução”, como por exemplo, a cassação de mandatos.

Um outro jornal que recebe destaque em nossa pesquisa é *A Folha de Londrina*, do jornalista João Milanez, que contrário ao jornal de Marinósio, defendia o golpe militar encarando-o como “[...] espetáculos de confraternização apenas, aos apelos profundos da nossa profunda unidade espiritual e moral, na vivência plena da democracia”⁶, como manifesta o próprio veículo em editorial do dia 2 de abril de 1964. Ambos jornais são importantes ao passo que nos fornecem a posição política de ambos diante do golpe de 1964.

Desta maneira, trabalhamos com veículos da grande imprensa e da chamada imprensa alternativa. Este trata-se dos jornais *O Combate*, *Meu Brasil*, *Fala Paraná* e daquele representado pelo jornal *Folha de Londrina*.

Para o desenvolvimento do dado projeto, Smith é de extrema importância para elucidar o comportamento da imprensa durante o período ditatorial que começou em 1964. A pesquisadora é autora do livro *Um acordo forçado: O consentimento da imprensa à censura no Brasil*⁷, utilizado como um dos principais referencial teórico neste trabalho.

Nesse livro, Smith desenvolve a tese de que a imprensa consentiu com o regime civil-militar. Durante o período da ditadura, havia uma falta de solidariedade na imprensa brasileira. Ao invés de aliarem-se uns aos outros e

⁶ *Folha de Londrina*. 2 de abril 1964. p.2

⁷ SMITH, Anne-Marie. **Um acordo forçado: o consentimento da imprensa à censura no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

enfrentar o regime, os membros da imprensa preferiram, com freqüência, atacar-se e criticar-se mutuamente. A autora continua afirmando que, “a solidariedade em si mesma não teria mudado toda a gama de recursos disponíveis para a imprensa, mas talvez tivesse feito uma diferença significativa”⁸. Diante das rotinas de repressões, censuras, prisões, aparentemente automáticas, abrangentes e autônomas, o consentimento da imprensa era virtualmente total.

O trabalho de Ana Cleide Chiarotti Cesário⁹ é fundamental para a realização deste trabalho, ao passo que a pesquisadora desvenda todo o cenário político de Londrina durante a ditadura militar.

O relato de Cesário elucida várias das questões políticas em Londrina durante a ditadura militar. A autora descreve personagens, eleições, partidos políticos e os acontecimentos políticos que marcaram a história local. Com o trabalho de Cesário, foi possível não somente conhecer a política local nos tempos da ditadura civil-militar, mas também entender as posições políticas e o comportamento dos londrinenses durante todo esse período. Seria impossível “enxergar” o apoio dos londrinenses ao golpe sem conhecer, por meio do trabalho de Cesário a oposição política do povo londrinense. Oposição esta a João Goulart e apoio ao golpe e, posteriormente, oposição ao governo civil-militar, fazendo com que o MDB dominasse a política local durante toda a ditadura civil-militar.

⁸ Idem, p.170.

⁹ CESÁRIO, Ana Cleide Chiarotti. **Poder e partidos políticos em uma cidade média brasileira: um estudo de poder local: Londrina – PR. 1934-1979.** São Paulo, 1986. *Tese de Doutorado.*

1 A “REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA” NA CIDADE DE OPOSIÇÃO

A ditadura teve início em Londrina sobre o mandato do prefeito José Hosken de Novaes, da UDN (União Democrática Nacional). Hosken foi eleito prefeito em 1963. Na época, Londrina contava com 43.516 eleitores, que puderam votar em cinco candidatos¹⁰. No final do sistema pluripartidário, a vitória de Hosken atestava o término do ciclo de predomínio da UDN na política londrinense. O mandato de Hosken durou até o início de 1969, favorecido com as medidas adotadas pelo governo civil-militar.

As notícias que chegavam a Londrina e a todo o restante do país nos dias do golpe militar eram desencontradas. A *Folha de Londrina* publicava em 1º de abril: “Cerca de 23,40 horas de hoje, a Agência Nacional transmitiu duas notas oficiais, a respeito da onda de acontecimentos e boatos que, durante todo o dia, inquietaram o país”¹¹. No dia anterior ao golpe, em Londrina, o prefeito Hosken de Novaes, o bispo Dom Geraldo e o delegado Ladislaw Bukowski, reuniram-se para marcar a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, seguindo a onda de cortejos cívicos que já aconteciam em outras cidades do Brasil.¹²

Assim que explodiu o golpe civil-militar de 1964, Hosken viajou à Curitiba em reunião com o, então, governador do Estado, Nei Braga¹³, para acertar o apoio às ações desempenhadas pelos militares¹⁴. Enéas Faria e Sebastiani no livro *Governadores do Paraná*¹⁵, trazem uma entrevista com o ex-prefeito de Londrina, Hosken de Novaes, questionando-o sobre sua posição e suas ações diante do golpe

¹⁰ Além de José Hosken de Novaes, se candidataram também: Wilson Benedito Andrade (PDC); José Antonio Queiroz (PTB); Carlos Antonio Franchello (PSP); Alfeu Maculan (PSB)., Hosken venceu por uma pequena diferença, aliado a mais dois outros partidos, PL e PRP. Segundo Cesário, as razões para a coligação foram meramente matemáticas, visto que se o PI e o PRP tivessem lançado candidatos próprios, os resultados poderiam ter sido diferentes. *Fonte: CESÁRIO, Ana Cleide Chiarotti. Poder e partidos políticos em uma cidade média brasileira: um estudo de poder local: Londrina – PR. 1934-1979. São Paulo, 1986. Tese de Doutorado. p.398*

¹¹ *Folha de Londrina*. 1 de abril de 1964. p.6

¹² *Fala Paraná*. Abril de 1981. p.14

¹³ Embora tenha apoiado o golpe de 1964, o General Ney Braga, nomeado ministro da Agricultura de Castelo Branco, ministro da Educação de Ernesto Geisel, que posteriormente o indicou como governador indireto do Paraná, também teve sérios problemas com o governo militar. Um deles, em 1966, Ney foi acusado de financiar o jornal *Ultima Hora* durante o seu primeiro governo no Estado do Paraná, para fins políticos, com dinheiro da campanha “Paraná em flagelo”. Mais informações em: HELLER, Milton Ivan. **Resistência Democrática: a repressão no Paraná**. Rio de Janeiro: Ed Paz e Terra, 1988. p.63-66

¹⁴ *Meu Brasil*. 31 de março de 1971. p.5

¹⁵ FARIA, Enéas; SEBASTIANI, Sylvio. **Governadores do Paraná: a história por quem construiu a história**. Curitiba: SISTANI, 1997.

militar.

Posso com poucas palavras, dizer a minha participação, que vem do Ney, porque ele confiou a mim: “Estou comprometido com o Magalhães Pinto, um movimento vai estourar, essa situação não pode continuar, a desordem está tomando conta das ruas e afinal de contas os militares não suportam a indisciplina militar, há subversão da ordem e eu quero que você venha a Curitiba e fique aqui comigo na revolução. Deve ser dentro de poucos dias, venha para cá, quero que você fique aqui comigo porque preciso de amigos com capacidade de opinar. Eu sei que você acompanha a vida política nacional, venha que eu estou a sua espera.” Saí de Londrina de manhã. Quando cheguei às três horas aqui, já estava detonada a revolução, o ambiente já estava agitado. Fui para o Palácio, parece que a revolução já tinha estourado. De Juiz de Fora já tinham saído as tropas que já estavam nos limites do Estado do Rio. O General Guedes e o Mourão acharam necessário precipitar o movimento. E o movimento saiu e quando perguntaram ao futuro Presidente Castelo Branco, ele disse: “Olha, vocês podem voltar derrotados, convêm examinar isso.” Mas eles disseram: “Voltar agora, é voltar desmoralizados.” Então, não havia mais opção. O Ney me chamou, passei a noite lá, todo tempo, até de madrugada. O grande problema do Ney foi convencer todo o seu pessoal de que estava comprometido, a revolução tinha que ter a participação do Paraná, era uma questão de honra e que contava com o apoio de todos. Alguém perguntou ali: “Mas Governador...isso é um perigo, é bom aguardar São Paulo. Tem que esperar São Paulo, o General Krueel, se o General Krueel não entrar nisso, se São Paulo não entrar a coisa é muito grave.” “Olha, eu estou comprometido, a minha palavra foi dada e eu quero cumprimento da minha palavra. Sou o Governador do Paraná e espero que o povo me siga. O povo quer o que eu quero. Consultei todo mundo.” Aos poucos foram se aquietando, mas precisava uma declaração formal da entrada do Paraná na revolução. Não bastava estar lá no Palácio dizendo que apoiava a revolução. Aí chegou o momento: “Vamos então fazer um manifesto, vou publicar um manifesto.[...]”¹⁶

A ditadura civil-militar começou com uma certa calma, sem muitas agitações como noticiou a *Folha de Londrina*, em 2 de abril de 1964. O jornal ainda destacou que o policiamento em Londrina foi reforçado recebendo apoio de outras cidades, além de munições¹⁷. A única confusão anotada que atingiu Londrina foi uma aglomeração de pessoas em frente ao prédio onde funcionava uma sucursal do jornal *Última Hora*, que era tido como governista.

[...] uma agitada multidão concentrou-se, ontem pela manhã, em frente ao edifício onde funcionam os serviços locais do jornal <<Última Hora>>, enquanto algumas pessoas punham abaixo um anúncio luminoso da empresa, instalado junto as janelas do primeiro pavimento. Anteriormente o povo havia se reunido no Largo da Prefeitura, dispostos a depredar as instalações internas da sucursal daquele órgão de imprensa, mas, com a intervenção do vice-prefeito, Sr. Gilberto Soares Santos, e do presidente da Câmara Municipal, sr. Galdino Moreira Filho [...] limitou-se a aceitar aquela forma de desagrove de certa forma endossado pelas

¹⁶ Idem. p.149-150

¹⁷ *Folha de Londrina*. 2 de abril de 1964. p.6

autoridades, que, embora reconhecendo a violência, consideravam as vantagens da concessão, preferindo-a ao eventual sacrifício de vidas humanas.¹⁸

O jornalista Délio César, diretor da sucursal do *Última Hora*, em Londrina lembra aqueles momentos.

Por defender o governo João Goulart e dar cobertura aos sindicatos, o *Última Hora* foi muito visado em todo o país. A sucursal funcionava em uma sobreloja próxima ao Cine Ouro Verde e era um ponto de encontro. As pessoas se reuniam para discutir política. Os setores mais reacionários de Londrina promoveram uma manifestação em frente ao jornal, tentaram invadir e arrasar tudo. Nós nos recusamos a sair da redação, veio a polícia e isolou o prédio. Chegamos a um acordo e a coisa não teve maiores consequências. Apenas o *Última Hora* deixou de circular, sendo depois vendido a outro grupo que o desfigurou completamente.¹⁹

O jornalista reflete.

O medo tomou conta da sociedade brasileira e mesmo os que tinham posições políticas passaram a ter cautela, pois dezenas de pessoas foram presas em Londrina e removidas para Curitiba. Na Faculdade de Direito houve três prisões: Pedro Martins Fernandes, funcionário do Banco do Brasil, Erasmo Garanhão e Omar Adahuí, além de outros na área estudantil. Sabíamos que os jornalistas do *Última Hora* estavam na lista, mas acabamos escapando, não sei por que razões.²⁰

Nos primeiros instantes da ditadura civil-militar, os mais atingidos pela chamada “revolução democrática”, em Londrina, foram líderes sindicais, estudantis e alguns políticos ligados, ou apenas identificados, com os partidos e correntes de esquerda. Nos primeiros meses de atuação do governo civil-militar, A *Folha de Londrina* noticiava relações de pessoas presas na cidade por “subversão política” e outros “por corrupção”²¹.

Cesário lembra que o político londrinense que mais sofreu com a ascensão dos militares ao poder foi Amaury de Oliveira e Silva²², ministro do Trabalho e da Previdência Social no Governo Goulart. O nome de Amaury Silva fez parte da primeira lista de cassações publicada um dia após a edição do Ato

¹⁸ *Folha de Londrina*. 3 de abril de 1964. p.8

¹⁹ HELLER, Milton Ivan. *Op. Cit.* p.494.

²⁰ *Idem.* p.494.

²¹ CESÁRIO, Ana Cleide Chiarotti. *Op. Cit.* p.408

²² Para mais informações sobre Amaury de Oliveira e Silva ler: CESÁRIO, Ana Cleide Chiarotti. **Poder e partidos políticos em uma cidade média brasileira: um estudo de poder local: Londrina – PR. 1934-1979.** São Paulo, 1986. *Dissertação de Doutorado.* p.409.

Institucional nº1. O político teve seus direitos suspensos por dez anos²³.

Em novembro de 1965, ainda durante a administração de Hosken de Novaes, por meio da promulgação do Ato Institucional nº2 e do Ato Complementar 4, efetuado pelo governo civil-militar, o pluripartidarismo no Brasil foi extinto, possibilitando que os políticos se reunissem somente em dois partidos políticos: ARENA (Aliança Renovadora Nacional) ou MDB (Movimento Democrático Brasileiro). No livro *O Paraná Reinventado: política e governo*, do IPARDES (Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social), pode-se encontrar uma reflexão sobre o tema.

O bipartidarismo no Brasil não foi imposto pelo golpe de 64. Ele deve-se, entre outros fatores, aos resultados das eleições de 1965 para governador. A vitória de pessedistas em dois estados importantes – Israel Pinheiro em Minas Gerais e Negrão de Lima na Guanabara – denuncia uma coalizão juscelinista contra os grupos responsáveis pelo movimento de 64. Mesmo os homens que apoiaram o golpe, como Magalhães Pinto e Carlos Lacerda, reclamam a manutenção de determinadas regras imprescindíveis para suas bases políticas.²⁴

A nova organização partidária da política nacional obrigou os políticos londrinenses, principalmente, os detentores de mandatos políticos na época, a optarem pela ARENA ou MDB. Cesário explica que a maioria absoluta daqueles que detinham mandato filiou-se à ARENA, inclusive os políticos da UDN, que haviam conquistado, até então, para o município a reputação de cidade da oposição, devido à política de direita exercida pela UDN diante do cenário político nacional.²⁵

O prefeito de Londrina, Hosken de Novaes, bem como 20 vereadores que compunham a Câmara, somente com uma exceção, transferiram-se para o partido situacionista, a ARENA. Dessa forma, Cesário explica que, a ARENA não recebeu somente os políticos da UDN que haviam predominado na condução do município até então, mas, de outros partidos políticos como o PSD, PTB, PDC, PST e PL.

João Olivir Gabardo foi o único dos vereadores que compunham a Câmara de Vereadores a se filiar ao MDB, partido para o qual afluíram muitos estudantes. Cesário conta sobre a participação dos estudantes na formação do MDB

²³ Idem. p.409

²⁴ **O Paraná Reinventado: política e governo.** 2ed. Curitiba: IPARDES, 2006. p.231

²⁵ CESÁRIO, Ana Cleide Chiarotti. *Op. Cit.* p.410

em Londrina.

A participação de estudantes (...) na criação do MDB foi um dos fatores importantes para o ingresso de jovens na política local e para a renovação dos políticos londrinenses no final do pluripartidarismo e início do bipartidarismo. O MDB, será aquele que receberá o fluxo de toda essa nova liderança recrutada no ensino médio e na faculdade de Filosofia.²⁶

Além de Gabardo, José Richa, também foi um dos fundadores do MDB em Londrina, ambos provenientes do PDC, que até 1964 eram vinculados ao governo Ney Braga, mas que com o golpe civil-militar assumiram posição contrária ao governador²⁷. O pesquisador Arias Neto reflete sobre a geração política desse momento.

Desse núcleo inicial do MDB saiu toda uma geração de políticos que modificaram a política local e estadual. Após a eleição de 1968, o MDB foi hegemônico na prefeitura de Londrina até 1986, bem como gradativamente foi conquistando maioria na Câmara Municipal e na Assembléia Legislativa do Estado, sendo que, nos anos oitenta, dois políticos locais, José Richa e Álvaro Dias, foram governadores do Paraná.²⁸

O grupo que havia controlado a Prefeitura de Londrina até 1968, nesse momento sob a sigla da ARENA, foi derrotado pelo MDB nas eleições para a prefeitura, partido sem tradição e em condições desfavoráveis na política estadual e nacional.

Dalton Paranaguá, candidato do MDB, desempenhou a função de Secretário da Saúde do Governo de Paulo Pimentel²⁹, entretanto renunciou devido a alguns problemas que teve com a administração³⁰. Retornando a Londrina, o político se candidatou à prefeitura pelo MDB, após uma tentativa fracassada de se candidatar pelo ARENA. Dalton Paranaguá elegeu-se prefeito conquistando média aproximada à soma dos outros três candidatos arenistas.³¹

²⁶ Idem. p.457

²⁷ Ibidem. p.460

²⁸ ARIAS NETO, José Miguel. **O Eldorado**: representações da política em Londrina – 1930/1975. Londrina: Ed UEL, 1998. p.248

²⁹ Eleito em 1965, pelo PTN. Pimentel foi o último governador eleito por votação direta, até que fosse promulgado o Ato Institucional nº5 em 1968, que suspendeu as eleições diretas para governador em todo o país.

³⁰ Mais informações consultar: CESÁRIO, Ana Cleide Chiarotti. *Op. Cit.* p.466

³¹ Dalton Paranaguá elegeu-se com 34,8% dos votos válidos, enquanto que a soma dos votos dos três candidatos à prefeitura pela ARENA somavam 35,4%. João Olivir Gabardo, conquistou 28,1%. (números registrados sobre os votos válidos. Fonte: TRE – Paraná In: CESÁRIO, Ana Cleide Chiarotti. **Poder e partidos políticos em uma cidade média brasileira**: um estudo de poder local: Londrina – PR. 1934-1979. São Paulo, 1986. *Tese de Doutorado*. p.473.

[...]a conquista da Prefeitura de Londrina pelo MDB já na primeira eleição da fase do bipartidarismo dependeu antes do aparecimento de um candidato que apresentasse uma proposta que estava acima dos partidos do que propriamente de uma manifestação contrária ao regime político que se instalara com o movimento de 64.³²

Na obra *Londrina através dos tempos e crônicas da vida*, o advogado e político udenista, Alberto João Zortéa, divide a história de Londrina em quatro fases, como ilustra Arias Neto.

O primeiro período é o do Sertão do Guairá – no qual a epopéia bandeirante assegurou o domínio das terras onde se inscreve hoje a cidade de Londrina, ao Brasil. A segunda fase – do desbravamento, engloba os anos de 1925 a 1930, ou seja, da formação do Paraná Plantations Syndicate e da CNTP³³, até a abertura das primeiras clareiras na região da futura cidade. A terceira fase, ou a Idade do Ouro, “Transcorria de 1931 a 1964, foi do grande surto de progresso da região, o da derrubada da mata a plantação dos cafezais, da riqueza do ouro verde à construção dos arranha-céus”. E, finalmente, após 1964, o período de estagnação. Na visão de Zortéa, a saída para superar a paralisação do progresso estava na industrialização e na criação da universidade.³⁴

A estagnação pós-64 da qual Zortéa fala, deve-se, principalmente, à substituição da cafeicultura por novas atividades agropecuárias e industriais³⁵. Foi nessa lógica de substituição da cafeicultura que Paranaguá adotou um plano de industrialização para o município de Londrina, com prioridade para a pequena e média empresa.³⁶

Para as eleições de 1972, o MDB lançou José Richa, e ainda, Álvaro Dias e Antonio Belinati³⁷. A ARENA concorreu com apenas um candidato, o engenheiro Mário Stamm, colocando como vice o ex-prefeito de Londrina, Hosken de Novaes.

Richa se candidatava com o apoio de Paranaguá, prefeito de Londrina. A posição de Richa no diretório do partido o colocava como o principal

³² CESÁRIO, Ana Cleide Chiarotti. *Op. Cit.* p.476

³³ Companhia de Terras Norte do Paraná

³⁴ ARIAS NETO, José Miguel. *Op. Cit.* p.249

³⁵ Idem, p.244

³⁶ CESÁRIO, Ana Cleide Chiarotti. *Op. Cit.* p.480

³⁷ Durante a ditadura militar, era possível que mais de um candidato do mesmo partido concorresse as eleições. Isso acontecia por meio das sublegendas que é Mecanismo adotado no Brasil nas décadas de 60 e 70 que permitia às facções de um partido a apresentação dos seus candidatos às eleições para governador, prefeito e senador, atribuindo-se ao candidato que obtivesse o maior número de votos o total obtido pelo conjunto das facções. Fonte:

<<http://www.tse.gov.br/internet/institucional/glossario-eleitoral/termos/sublegenda.htm>> Acesso em 14 de dez de 2008.

candidato, enquanto que Belinati e Álvaro Dias eram somente uma maneira de angariar votos para o partido.³⁸

O MDB, somando os votos de seus três candidatos, conseguiu 61% do total da votação, contra, apenas, 38,2% da ARENA.³⁹

O destaque desta eleição foi o jovem político emedebista, Antonio Belinati, que conquistou 22,5% dos votos, pouco menos que os 26% de José Richa. Além da eleição de Richa, o MDB conquistou também a maioria na Câmara elegendo 11 das 21 vagas existentes.

Richa optou por uma administração neutra para que mesmo com a incompatibilidade de partidos pudesse negociar junto com as instâncias federais.⁴⁰

O jovem destaque das eleições de 1972, Antonio Belinati, surgiu com muita força nas eleições de 1976, a última eleição local durante a fase do bipartidarismo. Egresso das camadas populares da população, Belinati demonstrou uma grande força de penetração nessas camadas da sociedade, pois em 1970 havia sido o deputado estadual emedebista mais votado.

As eleições de 1974 demonstraram em todo país um grande crescimento do MDB, especialmente em Londrina, cidade do interior do Estado responsável pelos melhores resultados alcançados pela oposição em todo o Estado.⁴¹

O MDB ainda lançou Wilson Moreira como seu segundo candidato. A ARENA, em função do crescimento do MDB em todo Estado, investiu na busca de novas lideranças, inclusive em um candidato com prestígio para concorrer à prefeitura. A escolha do partido recaiu sobre o filho de Celso Garcia Cid, Manoel Garcia Cid, jovem empresário e pertencente a uma das mais tradicionais famílias londrinenses.

Mesmo com mais dois candidatos, a ARENA não conseguiu, nem com a soma dos votos de seus candidatos, alcançar a votação obtida pelo candidato do MDB, Antonio Belinati. Wilson Moreira (MDB) obteve 27,1% dos votos, enquanto que o primeiro prefeito advindo das camadas populares, Antonio Belinati, obteve 37,4% dos votos válidos.⁴²

³⁸ Idem. p.482

³⁹ TRE – Paraná In: CESÁRIO, Ana Cleide Chiarotti. *Op. Cit.* p.484

⁴⁰ Ana Cleide Chiarotti. *Op. Cit.* p.491

⁴¹ Idem. p.495

⁴² Ibidem. p.497-498

Belinati foi conhecido por onerosas construções, como a construção de um novo Terminal Rodoviário. Entretanto, a administração de Belinati deu maior ênfase à habitação popular. Nesse período, a dívida municipal atingiu patamares nunca jamais alcançados.

1.1 OS JORNAIS LOCAIS: COMO A IMPRENSA NOTICIOU O GOLPE

É de senso comum a proposição de que não existe isenção no jornalismo. Todavia, em relação à imprensa, não se pode falar de algo que está acima de qualquer interesse. Os órgãos de imprensa são empresas que, assim como qualquer outra, possui interesses econômicos e, por meio do jornal, defende-os a qualquer custo.

A opinião que, também, está diluída no decorrer de todo o jornal, pode ser encontrada mais declaradamente em um espaço onde não necessita de tratamentos e camuflagens. O editorial é o espaço reservado para a expressão ideológica do jornal. Lugar onde ideologias, opiniões e interesses, sobretudo dos veículos de comunicação são defendidos.

Oliveira define editorial.

Marca-se por um discurso argumentativo, no qual o que se procura é menos a lógica dos conceitos emitidos do que convencer o leitor sobre a veracidade dos argumentos confirmadores da credibilidade na fonte emissora. [...] A voz não é a de um indivíduo (narrador), mas a de um grupo, marcando, de qualquer forma, uma posição particular de alguns que se alçam a porta-vozes de uma coletividade. É como sua representante que essa voz se autoriza a emitir conceitos pretensamente a de todos.⁴³

Durante algum tempo, o uso dos editoriais foi a principal arma da imprensa contra o governo de João Goulart. Em âmbito nacional, diversos jornais utilizaram as páginas de seus editoriais para defenderem seus interesses quando se trata dos momentos que antecederam o regime civil-militar, principalmente, em relação ao governo de Jango. Em Londrina, seguindo a tendência da imprensa, também, os veículos de comunicação exibiram em seus editoriais a opinião em

⁴³ OLIVEIRA, Maria Rosa Duarte. **João Goulart na imprensa**: de personalidade a personagem. São Paulo: Annablume, 1993. p.47-48

defesa ou repúdio às ações desenvolvidas pelos militares, salientando a legalidade e/ou cuidados com o golpe.

1.1.1 O golpe civil-militar nas páginas do jornal *Folha de Londrina*

Como se pode perceber anteriormente pela pesquisa de Cesário, Londrina foi predominantemente uma cidade oposicionista ao regime civil-militar, visto que, em todas as eleições realizadas no período de vigência do sistema bipartidário promulgado pelo governo autoritário, a vitória nas eleições locais foram do MDB. Durante este período, três prefeitos da oposição passaram pela prefeitura de Londrina.

Entretanto, assim como em outros lugares, o início da ditadura civil-militar foi marcado pelas manifestações populares de apoio ao golpe civil-militar sendo retratada, e defendida, pelo principal jornal: *Folha de Londrina*.

O *Folha de Londrina* foi inaugurado em 1947 pelo empresário e pioneiro londrinense, João Milanez. Segundo Marinósio, o jornal é “sinônimo de uma grande empresa jornalística, figurando entre as principais do país”.

Tendo ao longo desses anos o personalismo de João Milanez à frente de inúmeras campanhas pelos municípios e por causas filantrópicas, econômicas e políticas, a *Folha de Londrina* deu primazia, contudo, ao lado econômico, empresarial.⁴⁴

A chamada “grande imprensa”⁴⁵ defendeu amplamente o golpe civil-militar. Smith nos esclarece sobre essa posição assumida pelos veículos de comunicação diante do governo de Jango.

A imprensa foi um catalisador do golpe de 31 de março de 1964. Algumas publicações tinham conhecimento da conspiração e outras contribuíram voluntariamente ou não para a rejeição pública de Goulart. Como grande parte da classe média e alta, a igreja Católica e organizações como a Ordem dos advogados do Brasil, a grande imprensa se opunha às mobilizações de massa de Goulart e suas pretendidas “reformas de base”.⁴⁶

⁴⁴ FILHO, Marinósio e NETO, Marinósio. *Op. Cit.* p.41

⁴⁵ Segundo Smith, a chamada ‘grande imprensa’ implica ser representativa ou majoritária, embora pudesse ser apenas a dominante ou mais bem-sucedida comercialmente. Fonte: SMITH, Anne-Marie. *Op. Cit.* p.49

⁴⁶ SMITH, Anne-Marie. *Op. Cit.* p.29

Nas páginas do principal jornal de Londrina, pode-se observar o apoio dado pelo veículo às manifestações realizadas em prol dos golpistas de 31 de março. Os editoriais do jornal nos dias subseqüentes à denominada “revolução democrática” demonstram o apoio incondicional do veículo às ações e manifestações que ocorriam em Londrina e, também, em todo o país. Sendo assim, no dia 2 de abril de 1964 a *Folha de Londrina* publicava em seu editorial sob o título “*Brasil desperta em ação*”.

Há coisa de dias, dissemos aqui que o Brasil reclamava no momento, gestos amplos de grandeza legítima, da parte dos políticos e dos líderes. Os gestos vieram e multiplicaram-se miraculosamente. O movimento insurgente das Alterosas, que se processou desde os primeiros instantes, com a calma e a decisão que ainda agora se observa eletrizou a consciência nacional. Uma ação integrada. Verdadeira em si mesma. Meios elevados, resultando em fim do mesmo tamanho. Irresistível, matemática, fulminante. Um Brasil acordado, mobilizando todo o imenso potencial de energias que há de continuar impulsionando a nacionalidade, para a solução dos problemas internos, e contribuindo para a solução dos problemas de outros povos, no Hemisfério. Dessa feita, não houve a contemporização da “paz a qualquer preço” verificada em agosto de 1961. A paz que se está estabelecendo, nestas horas memoráveis, é aquela que resulta da exata compreensão dos problemas que vão sendo dissolvidos. Nem tiros, nem sangueiras. Espetáculos de confraternização apenas, aos apelos profundos da nossa profunda unidade espiritual e moral, na vivência plena da democracia. Dessa ingente e decisiva prova a que se submete o regime.⁴⁷

Neste editorial do dia 2 de abril de 1964 pode-se perceber o apoio imediato às ações que ainda estavam em curso no país, apesar do desconhecimento total do que estava se passando⁴⁸. O editorial faz uma exaltação ao movimento civil-militar e ao apoio da população ao movimento golpista que derrubou o governo Jango.

A visão da legalidade do golpe civil-militar e das ações desempenhadas pelos militares, enquanto uma ação democrática, pode ser exemplificada por um outro editorial da *Folha de Londrina*, sendo este do dia 4 de abril.

Há legalidade plena no País e normalidade que já agora ninguém poderá contestar. Os excessos que eventualmente venham a registrar-se correrão por conta das responsabilidades previstas nas leis, que se encontram, sem exceção, em vigor. As garantias individuais não foram prescritas.[...] Entendemos, ainda e sempre, com relação ao Brasil que devemos alimentar otimismo, juntamente com o bom animo, para a tarefa que compete a cada

⁴⁷ *Folha de Londrina*. 2 de abril 1964. p.2

⁴⁸ Vide p.14 deste trabalho.

um, na vivência democrática que se aperfeiçoa em profundidade neste país bem-aventurado.⁴⁹

O editorial acima demonstra a visão de legalidade sobre o golpe militar, retratado pelo jornal como um ato legítimo e democrático. É interessante destacar neste fragmento a passagem, “os excessos que eventualmente venham a registrar-se correrão conta das responsabilidades previstas nas leis”. Este trecho parece retratar o apocalíptico futuro em que neste momento o país estava a submergir.

Nos dias que se seguiram ao golpe de 64, a *Folha de Londrina* continuou a divulgar com propriedade o desencadear dos fatos nacionais e locais, não deixando de retratar em seus editoriais o apoio às ações desenvolvidas pelos golpistas e pelas pessoas em apoio a essas ações.

Alguns fatos de mais destaque em âmbito local ganharam destaque nas páginas do jornal, como por exemplo, a manifestação da “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”⁵⁰ em Londrina, assim como às que ocorreram em diversas cidades em todo país. Outros acontecimentos de destaque a nível local, como o ataque ao jornal *Última Hora*⁵¹, em sua sede de Londrina, também mereceram destaque do jornal *Folha de Londrina*, inclusive com comentários em seu editorial.⁵²

O destaque aos acontecimentos em todo o país e, também, em Londrina, persistiu nas páginas do jornal. Cesário verificou que durante quase 30 dias, compreendendo meados dos meses de maio e junho, A *Folha de Londrina* publicava relações de pessoas presas na cidade e outros municípios da região, seja por “subversão política” e outros “por corrupção”. Também estiveram nas páginas do jornal listas de políticos paranaenses e de outros Estados, que também ganharam destaque no jornal local.⁵³

A divulgação dessas notícias, algumas vezes, referentes a outros Estados demonstra o interesse e o apoio da *Folha de Londrina* às ações golpistas.

⁴⁹ *Folha de Londrina*. 4 de abril de 1964. p.2

⁵⁰ *Idem*. p.6

⁵¹ Neste caso, o jornal dedicou uma matéria de página inteira com diversas fotos sobre a manifestação ocorrida no centro de Londrina e o ataque que derrubou o letreiro do jornal *Última Hora*. A matéria foi intitulada: ‘Desagravo no centro de Londrina: pôsto abaixo luminoso do ÚLTIMA HORA’. *Folha de Londrina*. 3 de abril de 1964. p. não identificada.

⁵² *Idem*.

⁵³ CESÁRIO, Ana Cleide Chiarotti. *Op. Cit.* p.408

1.1.1.1 “Repressão à sombra dos cafezais”

O título deste tópico é uma alusão ao trabalho de Heller, que em um livro intitulado “Resistência Democrática: a repressão no Paraná”, dedica um capítulo ao estudo de como aconteceu a repressão no norte do Estado. Uma das fontes de utilizada pelo pesquisador é uma série de reportagens que o jornalista João Arruda publicou na *Folha de Londrina*, de 10 a 25 de maio de 1983, ainda no governo Figueiredo. Na série de reportagens sobre a repressão, o jornalista João Arruda destaca algumas entrevistas com personagens da história da ditadura civil-militar como, por exemplo, Amadeu Felipe, que tentou organizar uma guerrilha. Arruda relembra o início da ditadura.

Em 1964, a redação do *Última Hora* em Londrina foi depredada e houve muitas prisões. Os presos eram levados e ônibus para Curitiba. O golpe caiu como uma bomba no norte do Paraná e em todo o país, e foi intensa a perseguição aos que se opunham ao regime. Muita gente aqui, os políticos e a Igreja católica deram sustentação à nova ordem que se instalava no país. Em Londrina, o bispo dom Geraldo Fernandes era conservador, identificado com o regime militar. A igreja tem um poder de aglutinação muito grande e nem sempre ela se posicionou no sentido de esclarecer o que estava acontecendo no país. Os reais interesses dos que estavam assumindo o poder, apesar da existência de setores progressistas do clero, que tentavam seguir uma linha independente. Em Londrina e em todo o norte paranaense, os setores mais reacionários promoveram as famosas ‘Marchas da Família com Deus pela liberdade’, dando sustentação ao novo regime. E acabaram promovendo manifestações públicas, com ampla participação popular em favor da ditadura.⁵⁴

Destaca-se, também, na série de reportagens feitas por João Arruda, o depoimento de um oficial que efetuou prisões na Operação Marumbi⁵⁵. João Arruda comenta a entrevista.

Eu tinha informações de que esse oficial havia participado de dezenas de prisões, e tive contato com ele, garantindo que o seu nome não seria divulgado. Ele se dispôs a escrever um depoimento contando como eram realizadas as prisões. Como foi desenvolvida, como todos os detalhes, a Operação Marumbi no Estado. De que forma eles abordavam as pessoas, como eles prendiam. De quem recebiam ordens, para quem encaminhavam os presos, a lista de pessoas que eles tinham de prender. Em seu depoimento, o oficial alegou que estava cumprindo ordens e revelou todo o

⁵⁴ HELLER, Milton Ivan. *Op. Cit.* p.491

⁵⁵ Ação dos órgãos de segurança no Paraná que buscava reprimir a ação do PCB (Partido Comunista do Brasil) no Paraná. A ofensiva aconteceu em 1975 e, os militantes do PCB foram enquadrados na Lei de Segurança Nacional (Decreto 898, de 29 de setembro de 1969).

esquema para a realização de prisões, sendo o PCB a organização mais visada, pois havia uma célula em Londrina.⁵⁶

Esta série de reportagens feitas pela *Folha de Londrina*, em 1983, demonstra que, apesar de apoiar o golpe no início da ditadura civil-militar, muitos jornais, após a época de silêncio por causa da repressão, denunciaram com reportagens especiais, suplementos entre outros, toda a ação do governo civil-militar nos período da ditadura.

1.1.2 O golpe nas páginas de *O Combate*

Apesar de muitos jornais apoiarem as ações desenvolvidas pelos golpistas, alguns jornais olharam com desconfiança para os atos que se desenvolviam diante dos acontecimentos de 1964.

Dentre os principais opositores do regime estão, principalmente, os pequenos jornais e a imprensa alternativa⁵⁷. Em Londrina, o início da ditadura foi marcada pelo apoio do principal veículo de comunicação da cidade, a *Folha de Londrina*. Entretanto, o jornalista Marinósio Filho em seu periódico *O Combate*, criticou fortemente a chamada “revolução”. Assim escreve o jornalista na edição de maio de 1964:

Ante a seqüência de acontecimentos de após “revolução, não nos é possível preferir a comodidade de espectador que ri e aplaude, solta foguetes e dá vivas, aumentando com a omissão criminosa a cáfila vergonhosa dos pusilanímes. Para nós seria até muito mais tranqüilo a posição de fogueteiro, de puxa saco. Falou mais alto, entretanto, dentro em nós, a voz do dever, da consciência, do patriotismo. Não podemos assistir a este festim de ódios, injustiças e perseguições sem ao menos dizer de publico do nosso constrangimento, do nosso pesar e do nosso” pejo.

Estamos vendo a mais desenfreada guerra de ódios, o extravazamento monstruoso de rancores e tudo mais, em nome do povo.

O direito cedeu lugar a força e a Constituição curvou-se ante as baionetas, que geraram o Ato Institucional como consequência do movimento revolucionário.

Se não bastasse o estado de apreensões e de intranqüillidade em que vivemos, para completar a obra de democratização do país falase em Estado de Sítio. A nosso ver tal medida já é desnecessária, pois a Câmara e o Senado da República se transformaram em elegantes contínuos da força armada. A nossa assertiva tem base na primeira medida do Sr. Presidente da Republica enviada àquelas Casas. [...]

Porque Estado de Sítio, se já não se pode balbuciar palavra alguma e só os cegos não vêem que vivemos num governo forte (político-militar) com rótulo

⁵⁶ HELLER, Milton Ivan. *Op. Cit.* p.490

⁵⁷ Smith coloca que *alternativa* implica crítica, embora ela pudesse ser apenas não-conformista e idiossincrática. Fonte: SMITH, Anne-Marie. *Op. Cit.* p.49

luminoso de Democracia? Como democracia, se um militar exige de um governo a nomeação de um outro militar exige de um governo a nomeação de um outro militar e se é desatendido, incontinentemente este governador é deposto, preso e tachado de comunista? Como Democracia se parlamentares com poderes delegados pelo povo têm os seus mandatos cassados e isto sumariamente, com ausência dos trâmites legais? Já é hora do país retornar ao seu caminho de trabalho; ao seu caminho de normalidade. Chega de baderna e cada qual reconheça a sua responsabilidade perante a nação e cumpra com o dever.⁵⁸

Como pode-se perceber no fragmento acima, o jornal *O Combate* não poupou críticas ao regime militar que começava. O jornal foi um dos pioneiros a criticar a maneira com que os militares estavam agindo, já no início do período ditatorial. Não obstante, as críticas ao regime continuaram nas edições seguintes levando o diretor a ser procurado pela polícia e, até mesmo, taxado de comunista como lembram os jornalistas Marinósio Filho e Marinósio Neto.

O jornalista⁵⁹ não era comunista, subversivo ou coisa que o valha. Era jornalista, e no caso de Londrina, o único profissional de imprensa que teve coragem moral de se levantar e denunciar aquilo que fora mais uma arbitrariedade dos homens do mando e da força.⁶⁰

Marinósio foi taxado de comunista e, por isso, procurado pela polícia simplesmente por criticar as ações desenvolvidas pelos militares. No início da ditadura civil-militar, era comum “taxar de comunista” todos aqueles que não concordassem com as ações militares e as perseguições feitas pela chamada “Revolução Democrática”. Nesse quesito, *O Combate* não poupou críticas, como demonstrado no artigo acima, onde o jornal critica as cassações de mandatos de parlamentares efetuadas pelo regime após o golpe de Estado.⁶¹

Em relação às perseguições, principalmente aos políticos aliados de João Goulart, *O Combate* foi implacável fazendo, inclusive, duras críticas à cassação dos direitos políticos de Amaury Silva, Ministro do Trabalho e da Previdência Social

⁵⁸ *O Combate*. Maio de 1964. p.2-3

⁵⁹ Aqui escreve Marinósio Neto sobre o episódio em que Marinósio Filho foi procurado pela polícia por causa dos artigos publicados em *O Combate*, nos quais criticava a chamada “Revolução Democrática”, como o artigo mencionado acima.

⁶⁰ FILHO, Marinósio e NETO, Marinósio. *Op. Cit.* p.75

⁶¹ Cesário nos lembra que a ação repressiva do governo Federal, também, atingiu varias cidades da região de Londrina como: Cornélio Procópio, Porecatu, Bandeirantes, Mandaguaçu, Paranavaí e que, em alguns casos nem mesmo prefeitos e vice-prefeitos escaparam dos inquéritos e das prisões. Cesário ainda lembra que, em Londrina, muitos políticos foram atingidos pelas perseguições do governo Federal como: Moacir Teixeira, antigo colaborador do jornal *Paraná Norte*; o médico e ex-vereador do PTB, José Antonio de Queiroz ; o funcionário do IBC e ex-vereador do PTB, Magno de Castro Burgos; o médico e ex-vereador do PTB, Milton Guimarães; e o advogado e assessor do Banco do Brasil, Francisco Leite Chaves. Fonte: CESÁRIO, Ana Cleide Chiarotti. *Op. Cit.* p.408

no governo de João Goulart. Assim dizia um dos editoriais nomeado de “*Qual o crime de Amaury?*”:

Este jornal jamais de guarida ao nome de Amaury de Oliveira e Silva na vertiginosa e ascendente carreira publica do jovem bacharel e político londrinense.

Muito pelo contrário. Usamos certa ocasião o direito de crítica e não lhe poupamos adjetivos quando comentamos sua atuação como suplente de vereador no legislativo local. Daí ao estremecimento de relações, mesmo as cordiais, não se fez esperar. Essa posição persistiu durante e após eleição e recondução à Assembléia legislativa, sua eleição à Senadoria, à escolha de seu nome para o Ministro e sua gestão na Pasta do Trabalho.

Deposto o governo João Goulart com o qual também nunca afinamos nossa posição em torno da situação do ex-ministro, pela covardia moral em que muitos estão se situando, seria uma oportunidade para antegozar seu destino político. Longe de nós a cartilha dos imorais, dos canalhas, dos subservientes, que é o livro da incoerência, insensatez dos pusilânimes. Amauri de Oliveira e Silva, hoje recolhido a uma Embaixada na condição de asilado político qual o crime que teria cometido? De formação reacionária, gerado no ventre do PR, jamais estaria macomunado para a comunização do país. Como homem probro, não se tem notícia de ter concorrido para malversação dos dinheiros públicos. Se a motivação revolucionária está na sua atuação como Ministro de Jango, seria a circunstancia o seu negregando crime? Que se dizer no futuro, quando a história de nossa tradição republicana tiver que registrar os motivos da revolução vitoriosa? Preso um dos mais jovens e dos mais votados senadores do país porque teve a dignidade de merecer a confiança dum governo constituído? A nação e particularmente o Paraná precisa saber qual o crime de Ministro Amauri Silva, principalmente quando se tem conhecimento de que há quatro meses era considerado como hospede em débito com o Hotel em que estava alojado, com seu Aero Willis, seu único bem, penhorado. São coisas que não se entendem na voragem dos acontecimentos de 1º de abril.⁶²

Como se pode perceber neste editorial, apesar de *O Combate* declarar não poupar críticas ao político, quando este merecer, como na ocasião em que Amauri Amaury agiu como suplente de um vereador de Londrina, o jornal questiona os motivos que levaram à cassação do mandato do político que, neste momento ocupava o cargo de Ministro do Trabalho e da Previdência Social no governo de João Goulart.

1.2 DITADURA, E AGORA?

Londrina era governada pelo advogado e político udenista, José Hosken de Novaes, quando os londrinenses receberam o movimento civil-militar de 1964. As informações que chegavam em Londrina sobre a “revolução democrática” eram desencontradas. Apesar disso, alguns segmentos da sociedade já se

⁶² *O Combate*. Maio de 1964. p.2;7

manifestavam em apoio ou repulsa às ações que pudessem estar sendo desenvolvidas pelos militares. Assim retrata aqueles momentos o jornal *Fala, Paraná* em edição especial dos 17 anos do golpe.

Ainda no dia 2 de abril uma única resistência por parte dos aliados de Jango havia se esboçado: os trabalhadores rurais iriam realizar um comício em praça pública, em protesto ao golpe. Mas Manoel Silva, organizador da concentração, foi advertido pelo delegado de que qualquer manifestação seria reprimida.⁶³

Como se percebe, antes mesmo da confirmação da revolta dos militares, alguns grupos, principalmente da classe média, já defendiam intervenções contra o governo Jango lutando, inclusive, contra aqueles que se manifestassem contra a chamada “revolução democrática”.

A ditadura civil-militar em Londrina foi recebida passivamente pela população, reflexo do golpe civil-militar que, aos olhos de Brigitte Bardot⁶⁴, por exemplo, após retornar a Paris, comentou com um grupo de brasileiros: “Adorei a revolução de vocês. Não houve tiros, nem mortos. Nunca tinha visto nada igual. Foi, sem dúvida, um espetáculo”.⁶⁵

O jornalista Walmor Macarini, diretor de redação da *Folha de Londrina* durante o período ditatorial caracteriza o comportamento da população.

O povo naqueles dias esteve a favor do golpe. Porque havia um desmando pelas esquerdas meio extremadas. O Brasil estava frouxo nas suas instituições. Já não havia mais segurança na governabilidade e todos os brasileiros por inteiro aplaudiram a revolução.⁶⁶

Em Londrina, uma manifestação pública ganhou as ruas do centro da cidade em apoio aos golpistas. A *Folha de Londrina* fez a cobertura do evento enunciando em sua matéria: “Povo comemora nas ruas de Londrina o revés da ação comunista no Brasil”⁶⁷.

Segundo o jornal oposicionista⁶⁸ *Fala, Paraná* em edição de 1981 o início da ditadura civil-militar não foi marcada somente por estes pequenos acontecimentos.

⁶³ *Fala Paraná*. Abril de 1981 – p.14

⁶⁴ Atriz e modelo francesa, além de um ser um ícone da moda e sexualidade da década de 60.

⁶⁵ *O Combate*. 05/1964. p.2

⁶⁶ MACARINI, Walmor. Entrevista concedida ao autor em 6 de outubro de 2008.

⁶⁷ *Folha de Londrina*. 05 de abril de 1964.

⁶⁸ FILHO, Marinósio e NETO, Marinósio. *Op. Cit.* p.108

[...] formaram-se comandos civis para caçar os “comunas”. Luis Abreu Lima promoveu buscas nos sindicatos. Alberto Pansolin percorria com seu grupo as residências de pessoas tidas como “suspeitas”. Suspeitas, então, eram todas as pessoas de quem se queria vingar alguma rixa antiga, alguma desavença. Espalhou-se o pânico.⁶⁹

Macarini lembra que os primeiros 4 anos comandados pelo general Castelo Branco foram bons, pois tratava-se de um democrata, na visão do jornalista. Macarini aponta ainda que apesar do apoio inicial da população ao regime, após algum tempo o povo perdeu o interesse sobre as questões políticas.

[...] povo não estava mas nem aí, quem estava ligando pra essas coisas eram nós jornalistas, políticos esquerdas, militâncias, os intelectuais mais de esquerda extremada que protestavam. O povo não estava nem aí com ditadura ou não. O Povo quer ter o seu trabalho, quer ganhar dinheiro, quer ter alimentos, educação, saúde e as coisas básicas a revolução não descuidou. Ela de certa forma cuidou desses detalhes do social. Não melhor do que hoje, nem pior. Mesma coisa.⁷⁰

Entretanto, apesar de Macarini afirmar que a partir de certo ponto o povo deixou de se importar com as questões políticas, pode-se verificar acima, com o trabalho de Cesário que Londrina, durante toda a fase ditatorial, foi uma cidade marcada pela oposição. O único período em que Londrina esteve sobre o comando de um partido aliado ao governo Federal foi de 1964 até 1969⁷¹ com a administração do prefeito Hosken de Novaes.

Entretanto, é importante ressaltar que Hosken de Novaes, político udenista, foi eleito em 1963 durante o governo João Goulart, ou seja, também em oposição ao governo Federal.

Segundo Heller, somente em 1968, começaram a surgir as primeiras críticas ao regime. O autor coloca que a Igreja católica desenvolveu um trabalho pioneiro de oposição buscando atingir a “Doutrina de Segurança Nacional”.

Os executores da Lei de Segurança Nacional foram colocados acima do bem e do mal, longe de qualquer censura ou limites, ainda que genéricos. A autoridade responsável pelos inquéritos tinha poder ilimitado, podendo exercer toda sorte de violência e atos coercitivos, com a garantia de absoluta impunidade.⁷²

⁶⁹ *Fala Paraná*. Abril de 1981 – p.14

⁷⁰ MACARINI, Walmor. Entrevista concedida ao autor em 6 de outubro de 2008.

⁷¹ Com as medidas de exceção adotadas pelo governo militar, o mandato de prefeito foi estendido até 1969 durando 5 anos.

⁷² HELLER, Milton Ivan. *Op. Cit.* p.53-54

Heller afirma que o regime civil-militar, por meio da Lei de Segurança Nacional, estava acima de tudo, sem que nenhum outro poder moderador limitasse as ações dos executores dessa Lei.

Macarini, complementando a afirmação de Heller, lembra que a repressão contra os veículos de comunicação e, também, o endurecimento da ditadura começou com o término do governo Castelo Branco, que segundo Macarini, fora pressionado a estender o regime civil-militar.

Os primeiros quatro anos comandados pelo general Castelo Branco. Ele, também foi um general, mas, digamos assim, ele foi um democrata. Ele era um cidadão com bons propósitos. Esses quatro anos foram bons. Mas entraram os governos sucessivos. Porque a revolução foi até inteligente, eles elegiam os presidentes via congresso, em outras palavras, o povo.⁷³

Macarini afirma que a ditadura tornou-se mais severa após o governo de Castelo Branco, quando a chamada “linha-dura” do comando do exército impôs que o regime civil-militar continuasse. As manifestações de 1968 foram o estopim para que o governo se fechasse e interrompesse a passagem do poder aos civis.

1.3 PERSEGUIÇÃO E TORTURA EM LONDRINA

Em Londrina, também, foram registrados alguns casos de perseguição política e torturas anotadas pelo pesquisador Ivan Heller. Um dos acontecimentos descritos pelo pesquisador da ação repressiva da ditadura em Londrina é o caso do engenheiro agrônomo Nilo César Sobral Ramos, que foi preso em Londrina em 1972 como militante da Ação Popular. Ramos lembra esta fase.

Fui preso cobrindo um ponto onde eu deveria contatar com um companheiro que eu não conhecia, um médico de Maringá. Era um local público, no centro de Londrina, e ao invés do companheiro quem apareceu foi o DOPS. Fui processado por atentar contra a Segurança Nacional e fiquei preso uns quarenta dias na Polícia Federal. Primeiro em Londrina, onde fui torturado com choques elétricos e muitas pancadas. Depois em Curitiba, onde também fui torturado.⁷⁴

Assim como Ramos, o fundador e dirigente do Sindicato dos Metalúrgicos de Londrina, Genecy de Souza Guimarães, foi perseguido pelos

⁷³ MACARINI, Walmor. Entrevista concedida ao autor em 6 de outubro de 2008.

⁷⁴ HELLER, Milton Ivan. *Op. Cit.* p.499

militares. Este esteve entre os primeiros visados pela repressão após o golpe de 64.

Impedido de concorrer à eleição no meu sindicato, concorri a vereador pelo MDB e fui eleito. Me fecharam uma trincheira e eu abri outra, defendendo as classes trabalhadoras, denunciando o regime militar de todas as formas possíveis. Um dia apareceu a inscrição no Estádio Victorino Gonçalves Dias: O POVO ARMADO DERRUBA A DITADURA. Disseram que eu era culpado pelas pichações e aí começaram as perseguições.⁷⁵

O vereador ao ser intimado a comparecer na Polícia Federal, discursou em protesto na Câmara Municipal, levando-o a ser seqüestrado no dia 15 de setembro de 1967.

Quando entrei no meu carro puseram uma metralhadora na minha cara. Fiquei conhecendo o capitão Ismar Moura Romariz, que comandou o meu seqüestro com o apoio de um sargento do Tiro de Guerra de Londrina. Há menos de dois metros da minha casa comecei a ser espancado até o quartel do Exército em Apucarana. Dentro do quartel, eu algemado no carro, bateram a porta muitas vezes, com uma música estridente. Me encapuzaram e fizeram subir uma escada, passando por fios elétricos. Me levaram até uma mesa.

Perguntavam onde estavam as armas e eu não sabia de arma nenhuma. Esse início do meu seqüestro foi um momento difícil. Com eu não desse a resposta que os interrogadores queriam, o capitão Romariz falou: 'Você vai buscar a filha dele, que nós vamos estuprá-la. Aí ele vai admitir tudo'. Um homem disse: 'Pois não, chefe, e saiu'. Voltou uma hora depois, dizendo: 'A moça está aí, chefe'. Ouvi uma pessoa gritando e percebi que não era a minha filha. 'Deixe os livros dela no carro', disse Romariz, e eu sabia que naquele dia ela não tinha ido à aula, e me convenci de que era uma simulação. Eles continuaram: 'Leva ela pra cima e aproveitem, que eu também quero'. Com eu continuasse a negar tudo o que eles perguntavam, o capitão Romariz me puxou pelos cabelos e começou a me dar choques elétricos, e isso foi até uma hora da madrugada. Quando ele se cansou de dar choques elétricos, ordenou aos homens que o auxiliavam que continuassem. Tive que subir e descer escadas dezenas de vezes, até que me levaram para um muro, e o capitão Romariz avisou: 'Agora você admite tudo ou morre'. E tome rajadas de metralhadoras. Convencido de que aquilo tudo era encenação, ainda tive calma para revidar: 'Se a morte for isso aí, até que não é tão ruim...'⁷⁶

Após essa sessão de tortura, Genecy foi transferido para Curitiba, onde ainda foi torturado por mais quarenta dias no DOI-CODI da capital, antes de ser transferido a um presídio, ficando preso por 18 meses antes de ser libertado.

Um outro caso registrado em Londrina é o de João Alberto Einecke, que ingressou no PCB, em Porto Alegre e, com o golpe de 64 teve que se esconder, chegando a Londrina em 1967, quando retomou a militância do partido. Por

⁷⁵ Idem. p.501

⁷⁶ Ibidem. p.501-502

segurança, nem a própria esposa sabia da militância de Einecke. Entretanto, em 1975, elementos armados prenderam-no diante de seus filhos.

Me colocaram no piso da viatura e me cobriram com um cobertor. Um dos policiais de vez em quando chutava a minha cabeça e me chamava de canalha comunista. Assim eu cheguei a Curitiba, só de chinelo, calça e camiseta. Um frio terrível. Desci do carro aos empurrões e imediatamente comecei a ser espancado. Um policial tirou a minha calça, outro veio por trás e deu um tapa no meu ouvido. Um me deu uma cutilada violenta na nuca e quando eu caí veio outro e me puxou pelos cabelos. Pontapé no estômago e pancadas pelo corpo todo. Só perguntavam meu nome e o nome de guerra no PCB.⁷⁷

Einecke foi submetido a outras torturas, como, por exemplo, mergulhar a cabeça em balde com fezes e urina para que confessasse sua participação no PCB.

Essas torturas, bem como a censura imposta à imprensa, eram formas de silenciar a oposição que combatia a ação dos militares. Mas como chegamos a esse ponto? A ditadura civil-militar é decorrente de uma série de crises políticas que desde 1945 assolavam a política brasileira. No entanto, as ações governamentais e o personagem quase mítico de João Goulart é um dos principais motivos que levaram a direita e os militares ao golpe de 1 de abril de 1964. Vejamos melhor como tudo isso aconteceu.

⁷⁷ Ibidem. p.510

2 COMO TUDO COMEÇOU

Desde 1889 a atuação do exército nas questões políticas nacionais era de extrema importância. Foi sob a égide das forças armadas que o Marechal Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto instauraram a República, antes de passar o governo aos civis. O exército, também, auxiliou na derrubada da República oligárquica e coronelista em 1930, e sete anos depois, por meio de um golpe, apoiou a instauração do *Estado Novo* de Getúlio Vargas⁷⁸.

Todavia, apesar de ter auxiliado na experiência autoritária do regime varguista, em 1945, participou da derrubada do líder estabelecendo um novo regime democrático⁷⁹. O envolvimento militar nas questões políticas e econômicas do Brasil, até a golpe de 1964, foi algo recorrente da história brasileira. Envolver este que se acirrou com a deposição de Vargas.

Rouquié resume a efervescência da participação militar nos acontecimentos políticos pós 1945.

No momento das eleições presidenciais de 1945, dois generais vestem a camisa de dois partidos políticos diferentes: A UDN com o brigadeiro Eduardo Gomes e os getulistas com o general Dutra, pelo Partido Social Democrata. Em 1950, Gomes foi novamente candidato e novamente derrotado, desta vez pelo próprio Getúlio; e em 1955, ele é substituído como candidato da UDN pelo ex-tenente Juarez Távora. Em 1960, o general Teixeira Lott é candidato das forças que estavam contra a UDN. Na direção dos partidos e no Congresso, os militares são numerosos. O general Góes Monteiro, "profissionalista", estreitamente ligado à vida política nacional da era getulista, foi um dos fundadores do PSD, um dos dois partidos herdeiros do Estado Novo, pelo qual ele será, aliás, eleito senador. Isso sem falar do ex-tenente Luís Carlos Prestes, o "cavaleiro da esperança", que se tornou muito cedo civil e depois secretário do Partido Comunista.⁸⁰

Os fatos subsequentes ao término da Segunda Guerra Mundial e a Constituição de 1946 demonstram claramente a maior separação entre a nação e a sua representação⁸¹. Inúmeras crises de poder sucedem-se nos anos decorridos entre 1945 e 1964. Neste período, somente dois presidentes concluíram seus mandatos: Eurico Gaspar Dutra e Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Não cabe a este trabalho discutir as políticas sociais e econômicas

⁷⁸ ROUQUIÉ, A. **O Estado militar na América Latina**. Rio de Janeiro: Alfa-Ômega, 1984. p.326

⁷⁹ Idem. p.326

⁸⁰ Ibidem. p.329

⁸¹ SILVA, Hélio Ribeiro da. **1904 – 1964 Golpe ou Contragolpe?** Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 1975. p. 20

que deflagraram a grave crise institucional precedente ao golpe civil-militar, principalmente, nos governos que antecederam João Goulart. Todavia, a partir de 1960 com a eleição de Jânio Quadros, apoiado pela UDN (União Democrática Nacional), e a renúncia posteriormente, o ‘mal estar’ político se agravou, chegando ao seu ápice no governo de João Goulart, o que culminaria nos acontecimentos de 31 de março de 1964.

2.1 O GOVERNO JOÃO GOULART

Ninguém entendera os motivos que levaram Jânio Quadros à renúncia, entregando o cargo ao partido rival - João Goulart do PTB. Todavia, a sucessão presidencial esbarrou na iniciativa de setores militares que viam em Goulart⁸² “a encarnação da República sindicalista e a brecha por onde os comunistas chegariam ao poder⁸³”. Para que Goulart assumisse, a solução encontrada foi a alteração do sistema de governo, que passou de presidencialista a parlamentarista. O parlamentarismo foi a alternativa encontrada para limitar os poderes de Goulart.

No curto período da existência do regime parlamentarista, o país acompanharia a sucessão de três Conselhos de Ministros, além de se defrontar com o agravamento da crise econômico-financeira e político-institucional. Administrativamente ineficiente e politicamente inviável, o parlamentarismo teria seus dias contados dentro da experiência republicana brasileira.⁸⁴

Diversos problemas sociais se agravaram neste período, como a questão da terra, que se tornou muito rentável fazendo surgir movimentos rurais que se organizaram para lutar contra “a expulsão da terra, a elevação do preço dos arrendamentos, a prática do “cambão”, pela qual o colono - chamado no Nordeste de morador – deveria trabalhar um dia por semana de graça para o dono da terra⁸⁵”.

Em algumas oportunidades o presidente Jango havia se pronunciado acerca da urgência de o executivo e o Congresso aprovarem as reformas estruturais exigidas para a superação de graves problemas econômicos,

⁸² No momento da renúncia de Jânio Quadros, Jango encontrava ausente do país, em visita oficial à China comunista.

⁸³ FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. p.442

⁸⁴ TOLEDO, Caio Navarro. **O governo Goulart e o golpe de 64**. São Paulo: Brasiliense, 1987.p.22

⁸⁵ FAUSTO, Boris. *Op. Cit* p.444

sociais e institucionais enfrentados pelo país⁸⁶.

No plano dos direitos políticos, tinha-se a idéia de conceder direito de voto a dois outros setores diversos: analfabetos e os inferiores das Forças Armadas. Essas medidas buscariam apoio ao governo, contando com a adesão dos marginalizados e setores sociais desvalidos⁸⁷.

O parlamentarismo se revelou um fracasso e, incapaz de resolver os problemas nacionais mais urgentes.

Com a lei Capanema-Valadares, o povo foi convocado a comparecer ao plebiscito em 7 de Janeiro de 1963, para decidir sobre o dilema parlamentarismo-presidencialismo. A defesa do regime parlamentarista era acusar Jango de comunista, pois a defesa do regime por si só era impossível devido ao fracasso da experiência que só tinha levado a nação ao caos.

Com o voto de uma maioria, o parlamentarismo chegou ao fim. O Brasil voltava a Constituição presidencialista de 1946. Este fato desagradou chefes militares que ficaram inquietos com o restabelecimento dos plenos poderes presidenciais de Goulart. Fato este que auxiliou a união dos quadros militares a favor de uma intervenção no Estado, como analisa Rouquié.

[...] os chefes militares viram com inquietação voltar ao poder com Goulart, o nacionalismo populista que eles haviam afastado em 1954. Os chefes da ala direitista militar, não tendo conseguido impedi-lo de ocupar a presidência em setembro de 1961 prepararam imediatamente sua queda e tomaram o poder para impedir um retorno dos velhos “demônios”. Portanto, Goulart, em 1961 estava na mesma situação de Salvador Allende no Chile de 1970. Por outro lado, a inflação, essa desordem monetária à qual os militares são tão sensíveis, assim como uma oportuna revolta dos sargentos em Brasília em setembro de 1963, considerada como uma tentativa de destruição revolucionária da hierarquia, contribuíram para efetuar a união dos quadros militares contra o regime constitucional e para que fosse aceita no seio do Exército a tutela marcial sobre o Estado.⁸⁸

O General Ernesto Geisel também analisou o governo Jango, bem como o momento parlamentarista da história republicana brasileira, em entrevista ao CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil).

O regime parlamentar não funcionava. Estava o Tancredo Neves como primeiro-ministro, e o Jango fazia questão de assistir às reuniões do

⁸⁶ TOLEDO, Caio Navarro. *Op. Cit.* p.30

⁸⁷ FAUSTO, Boris. *Op. Cit.* p.448

⁸⁸ ROUQUIÉ, A. *Op. Cit.* p.331

ministério, influenciando de certa forma nas decisões do primeiro-ministro, que era condescendente. Quando o Tancredo renunciou, o ministério se dissolveu. Aí surgiu o problema da formação do novo ministério. Quantos ministérios Jango tentou fazer? Quantos primeiros-ministros foram por ele indicados e quantos foram rejeitados? Aí o regime parlamentar se deteriorou, e isso era o que o Jango e seus mentores queriam para retornar ao presidencialismo. Tendo que aceitar a imposição do parlamentarismo, Jango ficou diminuído. Restaurando o presidencialismo, recuperou sua posição, embora em detrimento da vida nacional.⁸⁹

Diante do presidencialismo, novamente Goulart tinha pela frente a crise financeira do Brasil. Para resolver isso, o ministro Celso Furtado lançou o Plano Trienal que pretendia combinar o crescimento econômico, as reformas sociais e o combate à inflação. As estratégias eram propor o combate à inflação através do controle do déficit público fixando como objetivo a ser buscado a taxa inflacionária de 10% ao ano em 1965 (com meta parcial de 25% para o ano de 1963), o plano não negligenciava a perspectiva desenvolvimentista.⁹⁰

San Tiago Dantas, então ministro da Fazenda afirmava que o êxito da política econômico-financeira, a partir de então, passaria a depender da compreensão geral das áreas oficiais e não oficiais acerca da dramática situação que enfrentava o país⁹¹. Porém, mais uma vez essa colaboração não veio. Boris Fausto enumera os motivos que levaram o Plano Trienal ao fracasso.

Os beneficiários da inflação não tinham interesse no êxito das medidas; os inimigos de Jango desejavam a ruína do governo e o golpe; movimento operário se recusava a aceitar restrições aos salários; a esquerda via o dedo do imperialismo por toda parte. Os credores externos mostraram-se reticentes na viagem que San Tiago Dantas realizou a Washington em março de 1963, alcançando magros resultados.⁹²

Em 1963 o fracasso do Plano de Metas era evidente. O PIB, que em 1962 era de 5,3%, em 1963 caiu para 1,5%⁹³. A essa altura Jango reformulou novamente o ministério. San Tiago Dantas deixou o governo após sofrer de câncer no pulmão. Almino Afonso saiu do Ministério do Trabalho; o general Dantas Ribeiro

⁸⁹ GEISEL, Ernesto. Depoimento ao CPDOC. Fonte:

<< http://www.cpdoc.fgv.br/nav_jgoulart/htm/depoimentos/Ernesto_Geisel.asp >> Acessado em: 20 agosto de 2008.

⁹⁰ SARMENTO, Carlos Eduardo. **O Plano Trienal e a política econômica no presidencialismo.** Fonte:

http://www.cpdoc.fgv.br/nav_jgoulart/htm/6Na_presidencia_republica/O_plano_trienal_e_a_politica_economica.asp Acessado em 02/07/2007

⁹¹ TOLEDO, Caio Navarro. *Op. Cit.* p.46

⁹² FAUSTO, Boris. *Op. Cit.* p.456

⁹³ Idem. p.456

foi para o Ministério da guerra. Para o Ministério da Fazenda, Goulart nomeou o conservador e ex-governador de São Paulo, Carvalho Pinto.

A opção por iniciativas à margem da legalidade se reforçou quando em outubro de 1963 o Congresso rejeitou a emenda Constitucional que autorizava a desapropriação de terras sem prévia indenização. A esquerda de Brizola, queixava-se dos vacilos de Jango e das relações com o imperialismo. Nos meios militares, crescia a conspiração contra Jango, fortalecida pelos partidários de uma “intervenção defensiva” contra os excessos governamentais⁹⁴. Entre eles, estava Humberto de Alencar Castelo Branco.

O governo Goulart debruçava-se nas dificuldades econômico-financeiras que passava o país. Com os problemas enfrentados pelo Brasil, uma saída democrática para a resolução foi sendo descartada.

A incontrolável alta dos custos de vida, tendo como consequência uma drástica redução do poder aquisitivo dos salários, foi responsável pela eclosão de inúmeras greves em todo o país, que não mais se limitavam aos centros urbanos⁹⁵. Incentivado pelo governo Goulart, cresceu a sindicalização no campo. Somente em 1963, ocorreram em todo país 172 greves de trabalhadores, sendo que 65% dessas greves foram deflagradas fora dos maiores centros industriais do país⁹⁶.

As classes dominantes tinham assim motivos para se preocupar: seus lucros e suas propriedades estavam ameaçadas e os trabalhadores em greve não eram reprimidos pelas forças federais. Em janeiro de 1964, Goulart regulamentou a Lei de Remessa de Lucros, aprovada pelo Congresso há mais de 16 meses.

Para a direita brasileira e para a embaixada norte-americana, não cabiam mais dúvidas quanto à “esquerdização” do governo Goulart. Duas graves denúncias passavam a circular nos meios políticos, com uma ampla cobertura da imprensa em geral. Bilac Pinto, presidente da UDN e porta-voz político do chefe do Estado Maior do Exército, general Castelo Branco, com grande alarde divulgou um documento onde declarava que estava em curso no país uma “guerra revolucionária”, e que esta já teria alcançado a sua terceira fase – a da “subversão da ordem e obtenção de armas”.

⁹⁴ Ibidem. p.458

⁹⁵ TOLEDO, Caio Navarro. **O governo Goulart e o golpe de 64**. São Paulo: Brasiliense, 1987. p.90

⁹⁶ Idem. p.90

No início de 1964, Jango seguiu um caminho que se revelou desastroso. Com o apoio nos dispositivos militares e sindicais, o presidente contornaria o Congresso realizando as reformas de base através de decretos. As reformas seriam anunciadas através de uma série de atos que reuniriam grandes massas.

Boris Fausto, em uma breve análise, segundo seu critério, assinala quais as reais intenções de Jango com as Reformas de Base:

É fácil perceber que as reformas de base não se destinavam a implantar uma sociedade socialista. Eram apenas uma tentativa de modernizar o capitalismo e reduzir as profundas desigualdades sociais do país, a partir da ação do Estado. Isso porém implicava uma grande mudança à qual as classes dominantes em geral, e não apenas os latifundiários como se pensava, opuseram forte resistência. O governo e os grupos de intelectuais de classe média que se mobilizavam pelas reformas de base supunham poder contar com o apoio da burguesia nacional, no combate ao imperialismo e na luta pela reforma agrária. Para os defensores das reformas de base, os investidores estrangeiros seriam competidores desleais do capitalismo nacional, e a reforma agrária incentivaria a integração da população do campo à economia de mercado, gerando assim uma nova demanda para os produtos industriais.⁹⁷

O primeiro grande comício aconteceu em 13 de março de 1964, no Rio de Janeiro. Ele ficou conhecido como comício da Central do Brasil e reuniu aproximadamente 150 mil pessoas sob proteção das tropas do I Exército para ouvir Jango e Brizola. No extenso mar de cartazes e de faixas empunhados pela massa popular, liam-se alguns slogans que causaram *arrepios* nos conservadores como, “Reformas ou Revolução”, “Força para os gorilas!”, “Yankee, go home”, “defenderemos as Reformas à bala!”, “Legalidade para o PCB”, “Reeleição de Jango!”.

Na ocasião Jango assinou dois decretos: O primeiro consistia na desapropriação das refinarias de petróleo que ainda não estavam nas mãos da Petrobrás. O segundo declarava sujeitas a desapropriação propriedades subutilizadas. O presidente revelou também estar preparando a reforma urbana – fato que deixou a classe média com medo de perder seus imóveis para os inquilinos.

O primeiro ato das reformas de Jango marcou o início do fim de seu governo. Um sinal do que viria pela frente foi a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, organizada em São Paulo. Cerca de 500 mil desfilaram em São Paulo, a

⁹⁷ FAUSTO, Boris. *Op. Cit.* p.448-449

partir das associações de senhoras ligadas à Igreja Católica.

Um grave acontecimento militar ajudou a criar um clima mais favorável aos conspiradores. A Associação de marinheiros vinha se destacando na luta pela garantia de direitos a classe e por melhores salários. No dia 24 de março, o ministro Silvio Mota ordenou a prisão dos dirigentes da associação, acusados de subverter a hierarquia⁹⁸. No dia seguinte cerca de dois mil Praças da Marinha reuniram-se no Sindicato dos Metalúrgicos, com a presença dos dirigentes contra quem existiam ordens de prisão.

O ministro cercou o local com um contingente de fuzileiros e, através de uma negociação chegou a uma solução. Pressionado e, sentido-se desprestigiado, o ministro da Marinha demitiu-se e, para seu lugar, Jango colocou o almirante reformado Paulo Rodrigues, que anunciou que não puniria ninguém. O Clube Militar e um grupo de altas patentes da Marinha denunciaram o ato como um incentivo à quebra da hierarquia militar⁹⁹.

Em seu último gesto perigoso, Jango foi discursar no Rio de Janeiro em uma assembléia de Sargentos. O golpe já estava em andamento. O general Olimpio Mourão Filho, com o apoio do governador Magalhães Pinto, mobilizou em 31 de março as tropas sobre o seu comando, deslocando-se para o Rio de Janeiro. No Rio, Lacerda armou-se no interior do Palácio Guanabara, à espera de um ataque dos fuzileiros navais comandados pelo almirante Candido Aragão, que não ocorreu.

Para evitar derramamento de sangue, Goulart voou para Brasília em 1º de abril. Na noite do mesmo dia, Goulart partia para Porto Alegre, fazendo com que o presidente do Senado, Auro Moura Andrade, declarasse o cargo vago. Na linha sucessória assumiria o presidente da câmara dos deputados, Ranieri Mazzili, mas já era tarde. O poder já estava nas mãos dos militares.

2.2 O GOLPE MILITAR E O APOIO DA GRANDE IMPRENSA

O golpe militar de 1964 não poderia ter sido concretizado sem o apoio maciço de grande parcela da população e dos veículos de comunicação. 31 de março de 1964 foi o encerramento de um período efervescente de agitação política que iniciou após a segunda guerra mundial. Novamente, era dado um golpe

⁹⁸ Idem. p.460

⁹⁹ Ibidem. p.460

que prometia restabelecer a democracia assim como aconteceu na revolução de 30, quando na ocasião Getúlio Vargas chegava ao poder por meio de uma revolução que prometia acabar com os abusos políticos da República Velha. Getúlio acabou se tornando um ditador, da mesma forma como viria se tornar o golpe civil-militar de 1964.

Em todos os momentos de efervescência política na história do Brasil em que a imprensa esteve presente, seja na derrubada ou na constituição de um novo presidente, os veículos de comunicação exerceram um papel importante. O regime civil-militar que tomou o poder em 1964, em nome da democracia, ocupou-se de, primeiramente, buscar o apoio da imprensa. Um golpe não seria possível se os jornais não apoiassem.

Um dos autores a abordar a questão dessa relação entre a imprensa e o Estado é a pesquisadora Anne-Marie Smith, que no livro já citado, elucida a questão das relações entre a imprensa e o Estado, de extrema importância para o entendimento da participação da imprensa no golpe civil-militar de 1964. Smith lembra que:

Para a imprensa, assim como para todos os outros agentes sociais no Brasil, a relação com o Estado é fundamental. Quer as questões imediatas tenham cunho financeiro, normativo, jurídico ou político, o Estado e a imprensa são inevitáveis interlocutores. (...) No Brasil nunca houve uma idade de ouro de completa autonomia da imprensa em relação ao Estado, nem em alguma gloriosa época antiga nem em qualquer avanço recente rumo franquias de caráter liberal.¹⁰⁰

A imprensa, em diversas ocasiões, aliou-se ao Estado, mas também, outras vezes, foi conivente a oposições contra ele. Seus ataques ao presidente Goulart foram de extrema importância na desmoralização do governo. Smith lembra que ao defender os seus interesses econômicos, a imprensa, muitas vezes, tem armado uma grande oposição ao Estado, como ocorreu nas tentativas de “reformas de base” do presidente Goulart entre 1963 e 1964.¹⁰¹

Goulart foi amplamente alvo dos jornais nacionais e internacionais dividindo a opinião pública. Não somente a imprensa nacional destacou os acontecimentos do golpe de 64, mas também a imprensa internacional. O jornal americano, *New York Times*, publicava sobre os acontecimentos político-militares

¹⁰⁰ SMITH, Anne-Marie. *Op. Cit.* p.17

¹⁰¹ Idem, p.326

ocorridos no Brasil: “os adversários de Goulart não puderam comprovar que êle estava levando o Brasil para o comunismo”, mas se podia “comprovar que o estava levando para o caos”. O jornal estadunidense salientava: “Os problemas do Brasil vão muito além da questão de personalidades ou rótulos de tendências políticas. Há, no País, uma pronunciada ausência de equilíbrio social entre as poucas famílias que têm e as muitas que não têm”.¹⁰²

O jornal *La República*, de Caracas, advertia: “A derrubada de Goulart em si mesma nada resolve. É agora que começa a etapa mais decisiva da história brasileira. O Brasil, necessariamente, tem que seguir uma política de reformas sociais, se não quiser terminar no caos”¹⁰³.

A despeito da imprensa brasileira, Smith nos lembra que ela agiu como um “catalisador” do golpe de 31 de março de 1964. As páginas dos jornais pediam a destituição do governo, colaborando voluntariamente para a rejeição de Goulart. Da mesma forma que a “classe média e alta, a igreja católica e organizações como a Ordem dos Advogados do Brasil, a grande imprensa se opunha as mobilizações de massa de Goulart e suas pretendidas “reformas de base”¹⁰⁴. Algumas das manifestações mais efervescentes da imprensa, foram publicadas nos editoriais do *Correio da Manhã*, mais tarde perseguido e fechado pelo mesmo regime que ajudara a constituir. No editorial de 31 de março de 1964, assim dizia o jornal:

Basta! Até que ponto o Presidente da República abusará da paciência da Nação? Até que pretende tomar para si, por meio de decretos-leis, a função do Poder Legislativo? Até que ponto contribuirá para preservar o clima de intranqüilidade e insegurança que se verifica presentemente na classe produtora? Até quando deseja levar ao desespero, por meio da inflação e do aumento do custo de vida, a classe média e a classe operária? Até quando quer desagregar as Forças Armadas por meio da indisciplina, que se torna cada vez mais incontrolável? Não é possível continuar nesse caos em todos os sentidos e em todos os setores, tanto no lado administrativo como no lado econômico e financeiro. Basta de farsa. Basta de guerra psicológica que o próprio governo, desencadeou com o objetivo de convulsionar o país e levar avante a sua política continuísta. Basta de demagogia para que realmente se possam fazer as reformas de base. Não é tolerável esta situação calamitosa provocada artificialmente pelo governo, que estabeleceu a desordem generalizada, desordem esta que cresce em ritmo acelerado e ameaça sufocar todas as forças vivas do país. Não contente de intranqüilizar o campo com o decreto da SUPRA, agitando igualmente os proprietários e os camponeses, de desvirtuar a finalidade dos

¹⁰² VICTOR, Mário. **Cinco anos que abalaram o Brasil** (de Jânio Quadros ao Marechal Castelo Branco). Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1965. p.537

¹⁰³ Idem. p.538.

¹⁰⁴ SMITH, Anne-Marie. *Op. Cit.*, p.29

sindicatos, cuja missão é a das reivindicações da classe, agora estende a sua ação deformadora às Forças Armadas, destruindo de cima para baixo a hierarquia e a disciplina, o que põe em perigo o regime e a Segurança Nacional.¹⁰⁵

Este editorial, assim como tantos outros veiculados na grande imprensa, demonstram o apoio dado ao golpe de 64. O uso no editorial das expressões “Basta!” ou “Fora!”, demonstra claramente a rejeição da imprensa burguesa a qualquer tentativa de reformas socioeconômicas concretas¹⁰⁶.

O *Estado de S. Paulo*, como um outro exemplo da grande imprensa, foi um dos primeiros a apoiar o golpe contra o presidente Goulart. O jornal era considerado porta-voz de um dos principais partidos políticos do país, a União Democrática Nacional. Entretanto, o veículo de comunicação mais famoso por seu apoio ao governo militar era *O Globo*, do empresário Roberto Marinho. O jornal era considerado o porta-voz de seu dono pela equipe, assim como pelo público.

2.3 ENDURECIMENTO DO REGIME: A IMPRENSA NA BERLINDA

Como discutido anteriormente, apesar de a grande imprensa apoiar o regime civil-militar, empreendendo ampla campanha pela destituição de Goulart do poder, demonstrando preocupação com políticas reformistas, ela também foi em boa parte responsável pelas denúncias dos abusos cometidos pelo regime, como no caso do jornal *Correio da Manhã*.

Os editoriais que, anteriormente ao golpe eram intitulados ‘Basta!’ e ‘Fora!’, simbolizavam a rejeição do jornal que, também, não tardou quando preciso em denunciar os abusos cometidos pelos atos autoritários do Estado. O *Correio* não foi o precursor dos movimentos de rejeição do governo Goulart, nem tampouco era o único a assumir essa postura. Smith analisa a situação do *Correio da Manhã* diante dos abusos cometidos pelo regime civil-militar.

De fato, o *Correio* não perdeu tempo em condenar a violência e os excessos do próprio golpe e do regime que ele colocou no poder. Logo após o golpe, seus editoriais, inclusive um ironicamente intitulado “Basta e Fora!”, foram rápidos em comparar o caos e o abuso de poder sob Goulart com o caos e o abuso de poder sob o regime militar. Nos meses que se seguiram, o *Correio* foi o jornal que noticiou com maior audácia as prisões em massa,

¹⁰⁵ Editorial do *Correio da Manhã* citado em: COUTO, Adolpho J. de Paula. **Revolução de 1964: a versão e o fato**. Porto Alegre: Gente do Livro, 1999. p.105-106

¹⁰⁶ SMITH, Anne-Marie. *Op. Cit.*, p.29.

tortura e repressão política. Ao fazê-lo, provocou a ira do regime militar. Em 1969 o jornal foi fechado, após várias apreensões de exemplares, ocupações da redação pela polícia, prisão de seus principais redatores e diretores, um misterioso atentado a bomba à sua sede pressão financeira por parte do Estado.¹⁰⁷

Após o golpe de 1964, muitos dos jornais que apoiaram os militares, sofreram posteriormente com a censura imposta pelo Estado, enquanto que aqueles que cooperavam com o regime, recebiam favorecimentos que eram negados aos demais órgãos de imprensa como, por exemplo, a concessão de credenciais para cobertura de matérias em órgãos públicos, além de estarem livres do emprego de maus-tratos, que iam desde importunações e duras ameaças até graves agressões físicas àqueles que faziam oposições ao regime.¹⁰⁸

Outro jornal que sofreu com a ação da censura imposta pelo regime militar foi o *Opinião*, de Fernando Gasparian. O semanário sofreu com as ações da censura pela primeira vez em 1972, quando era impresso seu oitavo número. A ação dos censores foi sempre aumentando de intensidade, até que em abril de 1977 o jornal deixasse de circular, mediante um ato de protesto.¹⁰⁹

Machado lembra de alguns casos em que o *Opinião* foi alvo da censura feita pelo regime aos veículos de comunicação.

Censurado desde seu oitavo número **OPINIÃO**, à medida que recuperavam sua liberdade praticamente, todos os demais órgãos da imprensa do país, via, a cada número, diminuir sob seus pés o terreno da liberdade. Quando Wladimir Herzog – que foi nosso chefe de sucursal em São Paulo – morreu em circunstâncias dramáticas quando detido pelos órgãos de Segurança, não pudemos sequer noticiar o fato, como fizeram os jornais. O convite para a missa de sétimo dia de Herzog, tivemos de publicá-lo em forma de anúncio, em outros jornais.

[...] Até uma frase do Presidente Geisel sobre as multinacionais, cuja existência o chefe do Governo disse não saber << Se era para o bem ou para o mal>>, a censura impediu que a transcrevêssemos em nosso jornal.¹¹⁰

Segundo Machado, os censores no caso de *Opinião*, buscavam atingir, principalmente, a ordem financeira do jornal, visto que, até mesmo matérias publicitárias pagas e anúncios inseridos foram vetados, demonstrando uma das modalidades de censura enumerada por Smith. Em 1974, a Fundação Getúlio

¹⁰⁷ SMITH, Anne-Marie. *Op. Cit.* p.30

¹⁰⁸ Idem p.90-91

¹⁰⁹ MACHADO, J. A. Pinheiro. **Opinião X Censura**: momentos da luta de um jornal pela liberdade. Porto Alegre: L&PM, 1978. p.12

¹¹⁰ Idem, p.12

Vargas que publicava nas colunas do jornal uma série de anúncios dos livros que editava suspendeu inesperadamente essa publicidade, o mesmo que fez a Petrobrás em meados de 1976.

Segundo Anne-Marie Smith, o regime militar utilizou-se de diversos recursos, além da censura direta, em suas tentativas de controlar a imprensa. A pesquisadora enumera diversas modalidades de censura utilizadas pelo governo militar, inclusive a censura econômica, como a aplicada ao jornal *Opinião*.

Podendo dispor de uma variedade de métodos para reprimir a imprensa, o regime podia escolher e adaptar suas táticas a qualquer intenção determinada ao mesmo tempo que minimizava seus próprios custos burocráticos e políticos. Embora nunca tivesse negado formalmente a liberdade de imprensa, o regime podia de fato impedir que a imprensa utilizasse essa liberdade.¹¹¹

Machado lembra que durante os quatro anos e meio de existência o jornal foram publicados 230 números somando ao todo 5.796 páginas impressas que, se não censurado, poderia ter publicado um total de 10.548 páginas.¹¹²

Aos poucos a censura e os exemplos do autoritarismo e da arrogância dos militares foram sendo percebidos pela população e, principalmente, pelos órgãos de imprensa, como conta esse texto publicado no jornal *Fala, Paraná* em 1981.

“Lembrança do repórter Jota de Oliveira:

- Um, dois ou três anos depois, sei lá, a imprensa de Londrina foi a Apucarana cobrir a instalação de uma unidade do Exército. Paulo Sérgio Bopp, locutor da TV Coroados, também foi. Houve banquete no Clube 28 de Janeiro e Bopp, extrovertido, desagradou um oficial, pois tirara um paletó. Falta de respeito aos comandantes militares que ali estavam. O oficial chamou a atenção do atrevido. Bopp respondeu alguma coisa e levou um soco no rosto. Na mesma hora os jornalistas – inclusive os donos dos jornais - foram advertidos de que nada poderiam divulgar. À noite, Paulo Bopp, com o nariz inchado, apresentava a notícia da instalação da Unidade Militar, com filme e tudo. Estava anunciada a falta de dignidade dos meios de comunicação de Londrina. E estava afirmado que a revolução viera não só para impor uma nova “ordem política”, mas também policiar o comportamento dos cidadãos”.¹¹³

A justificativa para o autoritarismo exercido por parte dos militares, pode-se constatar nas palavras de Couto, General de Brigada em 1966, posto em

¹¹¹ SMITH, Anne-Marie. *Op. Cit.* p.73

¹¹² MACHADO, J. A. Pinheiro. *Op. Cit.* p.70

¹¹³ Fala, Paraná – Abril /1981 – p.15

que, entre outras comissões, comandou a Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) e a Escola de Comando e Estado Maior do Exército. Assim justifica:

É evidente que, dadas a extensão e a profundidade da subversão comunista, os governos revolucionários tiveram de se revestir do caráter autoritário, necessário à sua repressão. Dois fatos importantes contribuíram para que tal “autoritarismo” se prolongasse mais do que seria desejável: o recrudescimento da subversão, evoluindo da feição inicial para o caráter violento da guerra revolucionária, e a descaracterização da oposição política, que não soube se desvincular da subversão, com a qual se mesclava de forma inextricável.¹¹⁴

Com o golpe de 1964, o governo formulou sua própria ideologia de segurança nacional e elaborou novos procedimentos jurídicos e fundamentos institucionais para legitimar as suas ações¹¹⁵. Neste período, multiplicaram-se os órgãos de vigilância e repressão. O Estado utilizou-se de diversas organizações cujas principais funções incluíam a vigilância, detenção, interrogatório e ação anti-terrorista.¹¹⁶

A ação da censura fazia parte de uma orquestração para impor ao país uma política e uma postura que os militares achavam corretas, cujas idéias eram decorrentes de formulações da Escola Superior de Guerra com a criação da Doutrina da Segurança Nacional. A censura imposta, era de certa forma, uma maneira de buscar a legitimação do governo, por meio do controle da informação produzida por diversos atores sociais, silenciando assim, as críticas ao regime.

O regime militar transformou o sistema jurídico brasileiro mediante decretos do executivo. Foram inúmeros Atos Institucionais, atos complementares, leis de segurança nacional e, até mesmo decretos secretos (em algumas ocasiões presos poderiam ser julgados por atos que nem sequer tinham o conhecimento da ilegalidade). Mediante estas inúmeras ações do Poder Executivo, todos os aspectos do sistema judicial brasileiro foram modificados, inclusive o Código Penal. Foram abolidos o *habeas corpus*, assim como, em alguns casos, o direito ao recurso e algumas durações de penas.¹¹⁷

De acordo com Bulik, a Doutrina da Segurança Nacional foi a responsável pela limitação e a supressão da liberdade da informação. A

¹¹⁴ COUTO, Adolpho J. de Paula. **Revolução de 1964: a versão e o fato**. Porto Alegre: Gente do Livro, 1999. p.11

¹¹⁵ SMITH, Anne-Marie. *Op. Cit.* p.33

¹¹⁶ *Idem.* p.39

¹¹⁷ *Ibidem.* p.37

pesquisadora afirma que nos anos 60 e 70, os regimes autoritários (no caso brasileiro da ditadura civil-militar) buscaram submeter a imprensa a um controle repressivo, ou seja, a censura.

[...] controle imposto pelos “silêncios do rigor”, comportando proibições de atentar, por palavras ou escritos, contra a “segurança nacional” e “à pessoa dos chefes dos poderes da união”, promover a “propaganda de guerra”, “incitar a subversão da ordem pública ou social”, manifestar “exteriorizações contrárias à moral e aos bons costumes”; e depois pela “censura prévia”, comportando interdições de publicar para a imprensa escrita (livros, jornais, revistas) e suspensão de programas de rádio-televisão, cuja não obediência podia (e ainda pode em muitos lugares) acarretar sanções indo até à prisão e à tortura.¹¹⁸

Para estabelecer controle sobre todos os poderes (executivo, judiciário e legislativo), o regime civil-militar utilizou Atos Institucionais. Cada Ato derivava de uma reação a determinada crise e era conformado pelos desafios do regime em face de seus opositores. O mais devastador foi o A.I.5 foi decretado no final de 1968, com o agravamento das relações entre o Estado e a sociedade.¹¹⁹

¹¹⁸ BULIK, Linda. **Doutrinas da informação no mundo de hoje**. São Paulo: Loyola, 1990. p.53

¹¹⁹ SMITH, Anne-Marie. *Op. Cit.* p.37

3 LONDRINA: A IMPRENSA E O REGIME

A partir da terceira década do século XX, diversos historiadores iniciaram uma oposição sistemática ao que se convencionou chamar de *história metódica*, proporcionando a criação de uma expressão que sintetizasse esse posicionamento contra uma história centrada na política dos Estados Nacionais e nas biografias dos *homens da nação*.

A partir dos anos 50, os rumos dos debates nas ciências humanas seguiram no sentido de abrir crescentemente o raio de atuação da história política, incorporando fontes até então desprezadas, como as que são utilizadas neste trabalho como depoimentos orais e documentos ignorados pela dita História Tradicional.

Decca defende a tese que, a consagração do golpe de 1930 seria o resultado da produção de um discurso vitorioso que “representa a idéia capaz de constituir a Nação-sujeito, legitimando ao mesmo tempo o poder político que encarna essa nova consciência¹²⁰”. Não obstante, este trabalho visa contrariamente descrever não apenas o comportamento do Estado, reforçando os argumentos da história oficial, sob a égide de seus documentos, e sim, contar a história dos oprimidos, dos censurados, aquela que na história oficial, é excluída pela política ditatorial brasileira. Desta forma, assim como Decca descreve sobre a revolução de 30, este trabalho procura alcançar a memória histórica da ditadura civil-militar através dos discursos de luta das vítimas do regime.

Para vencer essas lacunas deixadas pela história, os depoimentos de pessoas que viveram os acontecimentos da ditadura civil-militar revelam os bastidores da história oficial, a história manipulada pelo governo autoritário e contada através da censura, de torturas, de pressões políticas e econômicas e de todas as atrocidades cometidas pela ditadura para que a história oficial chegasse à população como a única verdade.

3.1 OS JORNAIS

Durante os anos do regime civil-militar, percebe-se uma mudança nos parâmetros de como a imprensa brasileira e, também, londrinense encarou

¹²⁰ DECCA, Edgar de. **1930: o silêncio dos vencidos**. 5ed. São Paulo: Brasiliense, 1992. p.74

ditadura. O apoio dado no início à ditadura, contraria a posição assumida pela imprensa no decorrer do regime civil-militar que durou até 1985. Assim como nos grandes jornais de circulação nacional, as ações do regime, principalmente a censura, também chegaram em Londrina levando o medo e a insegurança às redações dos jornais londrinenses.

Um dos primeiros jornais a sofrer com as ações da nomeada “revolução democrática” foi *O Combate* que tinha uma política editorial crítica. Assim descreve Marinósio Filho e Marinósio Neto o jornal,

Pela impetuosidade com que tratava as reportagens, o *Combate* tinha uma característica diferente, era um jornal destemido, vigoroso, de opinião própria, de “ombro a ombro com o povo”, dizendo “o que muitos gostariam de dizer mas não tinham coragem”.¹²¹

Marinósio lembra dos fatos que marcaram o início da ditadura civil-militar e a perseguição a qual o jornal esteve sujeito com a deflagração do golpe civil-militar.

O movimento de 1964 fez “*O Combate*” tomar posição. Fora sempre um jornal democrático, aberto. Nunca traira seus leitores e jamais ratificara notícias. [...] Com o estouro do movimento do Exército para depor o então presidente João Goulart, *O Combate* defendeu a legalidade. A transcrição de uma entrevista de Brigitte Bardot no aeroporto de Paris foi o estopim para dias amargos.

[...] Dia seguinte o diretor do jornal foi intimado para ir até a delegacia. Foi. Esperou umas duas horas para ser atendido pelos três oficiais que formavam a Comissão Policial-Militar – CPM.

“Então é o senhor o diretor deste jornal? É o responsável pelos que está publicado aqui?”

“Sim, senhor. Aqui está minha carteira e o registro profissional” – respondeu Marinósio.

“Pois bem, acho que o senhor deveria colaborar conosco. Evitar estas publicações para não lhe trazerem aborrecimentos”.

Mas esta nota é uma transcrição do *Correio da Manhã*” – enfatizou o jornalista – tem pouca importância por aqui”.

“Bem, esperamos que o senhor compreenda a nossa missão de saneamento. Londrina é um foco de comunistas. Já estão seguindo para a penitenciária a primeira leva de presos daqui. Desejamos contar com a sua pessoa. Está dispensado”¹²².

A perseguição ao periódico continuou nos dias seguintes, principalmente após Marinósio publicar um texto em resposta a uma nota oficial, veiculada no rádio sobre o depoimento do jornalista a CPM, que o chamava de

¹²¹ FILHO, Marinósio e NETO, Marinósio. *Op. Cit.* p.73

¹²² Idem, p.73-74

leviano. Por causa das críticas sobre o regime que acabara de iniciar, o diretor do jornal *O Combate* era caçado como “assaltante bicho do mato, um perigoso assaltante”¹²³.

Diante da relutância do jornal *O Combate*, outros jornais apoiaram veementemente as ações desenvolvidas pelos golpistas. A *Folha de Londrina* é um exemplo de jornal que apoiou o regime civil-militar nesse início da ditadura. Como enunciado anteriormente, a *Folha de Londrina* assumiu posição favorável às ações dos golpistas, posição essa que pode ser vista nos editoriais do jornal. As manifestações que aconteciam em todo país e repetidas em Londrina, como por exemplo a “Marcha com Deus, pela Liberdade” recebiam elogios saudosistas do editorial do jornal.

Foi, inegavelmente, um espetáculo soberbo de vibração popular, a <<Marcha com Deus, pela liberdade>>, que uma comissão integrada por representantes femininas de diversas camadas, com o apoio do prefeito Hosken de Novaes e outras autoridades, além das Igrejas Católica e Evangélica e outras denominações cristãs. Só nas grandes manifestações religiosas, e nas festas cívicas da República viu-se tanta gente reunida, pela rua principal, em passeata, e depois, na concentração que teve lugar no largo da Prefeitura. O entusiasmo reinante foi igual à ordem que caracterizou o movimento.

Com essa expressiva <<marcha>>, através dos vários pronunciamentos de autoridade, líderes religiosos, representantes femininas e outras vozes, mais as significativas legendas dos cartazes, Londrina formulou viva repulsa ao comunismo, como já o haviam feito outras cidades do País, do mesmo passo em que acentuou o profundo desejo de que o Brasil prossiga no aperfeiçoamento democrático, com paz e justiça.

Todos os oradores foram intensamente aplaudidos pela multidão, destacando-se o vigoroso pronunciamento do prefeito Hosken de Novaes, sobretudo na parte em que se referiu ao papel de governador de Estado, de corajosa adesão ao movimento que partiu de Minas de 31 último, e ao seu próprio, que foi o de redigir, com duas outras autoridades, de Curitiba, por solicitação especial do chefe do Executivo paranaense, o manifesto que documentou o gesto do Paraná na crise.¹²⁴

O editorial mencionado acima demonstra substancialmente o posicionamento adotado pela *Folha de Londrina* diante do golpe civil-militar de 64. Nesse editorial pode-se constatar a exaltação do jornal em relação aos acontecimentos e manifestações posteriores aos acontecimentos de 31 de março. Outros editoriais dos dias que sucedem ao golpe, também, exaltam o movimento revolucionário como no dia 15 de abril que enfatiza,

¹²³ Ibidem. p.75

¹²⁴ *Folha de Londrina*, 5 de abril de 1964, p.2

Quem, em sã consciência brasileiro ou integrado ao Brasil, por adoção, não deseja, neste momento, que o movimento irredente que partiu de Minas Gerais, bravo mas incruento, prossiga realizando feitos de justiça e de paz? Só mesmo os de má fé ou aqueles que distanciados da realidade, desejariam fazer desta uma nação de escravos, vermelhos ou de outra cor qualquer.¹²⁵

Neste fragmento pode-se perceber a crítica ao comunismo, julgando-os como “aqueles de má fé” que desejariam ‘fazer desta uma nação de escravos’. O editorial não menciona a palavra comunismo, entretanto pode-se constatar a utilização da palavra ‘vermelhos’, comumente utilizada para referir aos comunistas. Outro ponto interessante para destacar nesse fragmento de editorial é a condição que se instalou em Londrina naquele momento, ou seja, ou as pessoas estavam de acordo com o movimento que realiza “feitos de justiça e de paz” e por isso tinham sã consciência ou eram taxados de comunistas, como diz o editorial “os de má fé ou aqueles distanciados da realidade”.

O jornalista Walmor Macarini, diretor de redação da *Folha de Londrina* analisa a posição adotada pelo jornal diante do golpe civil-militar de 1964.

A Folha de Londrina encarou como nem sim, nem não. Encarou como um momento histórico normal, porque precisava acontecer alguma coisa. E aconteceu, via militar. E todos aplaudiram. Todos. Os perdedores, naturalmente, que eram as esquerdas, queriam a bagunça e estavam com a intenção de implantar uma ditadura pior e muito mais extremada, é o que se supõe. Porque eram capazes. Houve aqueles casos de guerrilhas. Atentados pós-revolução a bancos e bombas explodindo. Eram coisas das esquerdas. Mas também houve casos em que as direitas fizeram explodir bombas para atribuir isso as esquerdas. No fim, houve uma luta entre essas duas facções.

A visão de Macarini sobre a posição assumida pelo jornal, sendo o próprio jornalista o diretor de redação durante o período ditatorial, segue a mesma linha da posição de outros jornais de circulação nacional na época do regime. A *Folha de Londrina* não assumiu tão radical quanto a posição adotada como, por exemplo, o jornal *Correio da Manhã*. Smith ressalta.

A linguagem dos editoriais do *Correio* reflete os debates da época e oferece um retrato do elitismo e liberalismo clássico da grande imprensa de então. Esse diário do Rio de Janeiro era um jornal prestigiado, já então dono de uma longa tradição. Seus editoriais de primeira página intitulados “Basta” e “Fora!” vieram a simbolizar a rejeição da imprensa burguesa a

¹²⁵ *Folha de Londrina*, 15 de abril de 1964, p.2

qualquer modalidade de democracia que trouxesse em seu bojo reformas socioeconômicas concretas.¹²⁶

Continua.

O jornal não estava à frente da agitação a favor de um golpe nem constituiu depois um mero instrumento dos seus líderes. De fato, o *Correio* não perdeu tempo em condenar a violência e os excessos do próprio regime que ele colocou no poder. Logo após o golpe, seus editoriais, inclusive um ironicamente intitulado “Basta e fora!”, foram rápidos em comparar o caos e o abuso de poder sob Goulart com o caos e o abuso de poder sob o regime militar. Nos meses que se seguiram, o *Correio* foi o jornal que noticiou com maior audácia as prisões em massa, tortura e repressão política. Ao fazê-lo, provocou a ira do regime militar. Em 1969 o jornal foi fechado, após várias apreensões de exemplares, ocupações da redação pela polícia, prisão de seus principais redatores e diretores, um misterioso atentado a bomba à sua sede e pressão financeira por parte do Estado.¹²⁷

Como se pode constatar com o trabalho da pesquisadora Smith, o *Correio da Manhã* cedeu as pressões e fechou suas portas em 1969, assim como muitos outros jornais que, também, não suportaram as pressões do regime e a censura.

Com o decorrer do tempo, a censura foi mostrando suas garras para a imprensa. Alguns jornais e periódicos decidiram enfrentar, outros cooperar. Houve ainda aqueles que, desde o início, denunciaram os abusos cometidos pelo regime como, por exemplo, o jornal *O Combate* do jornalista Marinósio Filho, também autor do livro *História da Imprensa de Londrina*. *O Combate* foi uma vítima da censura e da ditadura civil-militar. Na apresentação do livro mencionado acima, o jornalista assinala o motivo que levou ao fim de *O Combate*. Segundo ele, o jornal “deixou de circular quando do evento da revolução por “não sujeitar-se às regras da censura impostas pelo sistema”, em setembro de 1965.”¹²⁸

Além dos jornais *O Combate*, declaradamente contra os abusos cometidos pela ditadura, e *Folha de Londrina*, apoiadora das ações desenvolvidas pelos militares, outros jornais com menos expressão, também, manifestaram suas opiniões para os leitores londrinenses. *O Democrata* e *Meu Brasil* foram jornais que declaradamente manifestaram seu apoio a ditadura civil-militar.

O Democrata tinha como lema “Caça aos comunistas”. O jornal surgiu em 1964, sob a direção de João Moreira, um cafeicultor que escolhera

¹²⁶ SMITH, Anne-Marie. Op. Cit. p.29

¹²⁷ Idem. p.29-30

¹²⁸ FILHO, Marinósio e NETO, Marinósio. Op. Cit. p.7

Londrina para radicar-se. Para que a primeira circulasse, João Moreira criou assinaturas vitalícias, pois queria montar um jornal forte, com máquinas próprias. Entretanto, a vitória da “revolução”, acabou com seus objetivos pois, não havia mais a necessidade de combater o comunismo. Aos poucos, *O Democrata*, foi perdendo o interesse de seus leitores, apesar das assinaturas vitalícias, fazendo com que o jornal encerra-se suas atividades em 1965.¹²⁹

O sucessor de *O Democrata* surgiu em 1971 em pleno auge do período ditatorial. *Meu Brasil* é uma edição comemorativa do sétimo aniversário do golpe de 31 de março enaltecendo os episódios da “revolução”. O editor do jornal foi Benedito de Oliveira Junior e o editor-associado Antonio Vilela Magalhães.

Apesar dos poucos exemplares distribuídos do jornal é interessante perceber a visão que o jornal tem do golpe civil-militar de 1964. Para tal questão, a capa do jornal é elucidativa enquanto dispõe o seguinte título em uma matéria: “O Brasil se salvou em 48 horas”, referindo-se aos acontecimentos de 31 de março e 1 de abril.

O jornal ainda dispõe em sua capa uma mensagem de alguns partidários da ARENA de Londrina.

A Aliança Renovadora Nacional – Diretório Municipal de Londrina – representando aqui uma parcela do partido da Revolução, integrada pelos revolucionários da primeira hora, pelos arenistas autênticos, que em nenhum momento transigiram na defesa dos seus princípios que são os princípios da nova ordem, levanta hoje a sua voz para enaltecer o trabalho dos governos revolucionários, de Castelo Branco e Médici, nestes sete anos de luta restauradora da Pátria. Manifesta também o seu apoio e a sua irrestrita confiança no trabalho coerente, energético e patriótico do governador Haroldo Leon Peres.

Com homens como o Presidente Garrastazu Médici e o Governador Haroldo Leon Peres, a Revolução Democrática há-de seguir vitoriosa o seu curso histórico!¹³⁰

Na mensagem pode-se perceber uma breve crítica a arenistas que não mais concordavam com o rumo e os princípios adotados pelo regime civil-militar. Além das críticas trazidas pelo jornal, é importante ressaltar que nas páginas do jornal, o uso da palavra “Revolução” é corrente, sendo encontrada em quase todas as páginas da publicação.

É interessante destacar também que o uso da palavra “Revolução”

¹²⁹ Idem. p.91

¹³⁰ *Meu Brasil*, 31 de março de 1971.

pelo jornal e, inclusive, pelos militares era com a conotação de reversão do sistema jurídico e institucional que se instalava no país e a formação de um novo sistema, neste caso “democrático”, segundo a visão militar. João Goulart, no ponto de vista dos golpistas, estava instalando o comunismo e, por isso, a chamada “revolução democrática” livraria o país deste perigo. O jornal *Meu Brasil* descreve que o comício das reformas de base foi o momento em que João Goulart “colocou as cartas na mesa para um jogo que decidiria o futuro do Brasil”¹³¹, o comunismo ou a democracia. O jornal coloca ainda que “o chamado comício das Reformas foi, em realidade, um bem organizado comício comunista”.¹³²

Um dado importante que deve ser lembrado é que o MDB foi hegemônico na política local durante toda a ditadura civil-militar, como já se discutiu anteriormente. Neste momento, Dalton Paranaçu era o prefeito de Londrina. Ele foi eleito pelo MDB, entretanto, o político só estava nesse partido porque não havia conseguido espaço no seu partido político (ARENA) a nível local. Paranaçu então se candidatou pelo MDB vencendo as eleições para prefeitura de 1968. As críticas desferidas pela ARENA de Londrina na publicação não apontam um político específico, entretanto, pode-se entender que Paranaçu poderia ser um dos políticos criticados, devido a sua atitude de se candidatar pelo MDB à prefeitura de Londrina, após não conseguir espaço na ARENA local.

3.2 OS JORNALISTAS

Walmor Macarini, diretor de redação da *Folha de Londrina* e correspondente do jornal *Estado de S. Paulo* em Londrina durante a ditadura civil-militar, afirma que, enquanto jornalista, sofreu muito com as pressões feitas pelo regime. Walmor fala sobre os momentos em que assumiu o cargo de diretor de redação da *Folha*.

[...] assumi a chefia curiosamente quando irrompeu a chamada revolução, em 1964. A ditadura era barra pesada e, eu naturalmente como diretor de redação era muito visado. Durante os vinte anos de ditadura, enquanto duraram esses tempos sombrios eu fui muito perseguido. Nunca sofri nenhuma prisão nem nada físico, mas a pressão psicológica foi muito intensa naqueles tempos. Quem disser que não sentiu medo, jornalistas,

¹³¹ *Meu Brasil*, 31 de março de 1971, p.3.

¹³² *Idem*. p.3

sociólogos, políticos de esquerda, todos nós tínhamos muito medo, muito medo mesmo. Eles eram capazes de grandes atrocidades.¹³³

Macarini lembra que as pressões sobre a imprensa aumentaram nos governos sucessivos a Castelo Branco, mas esclarece que, durante o governo de Castelo Branco, também existiu censura, mas, não era tão pesada quanto passou a ser posteriormente.

Depois do Castelo começou haver uma pressão muita pesada sobre a imprensa. Antes dele, também havia censura, mas posteriormente a pressão aumentou bastante. Foi o período em que houve muitas prisões de jornalistas, aquele suposto suicídio do Herzog e prisões, prisões e prisões, muitas prisões com torturas e pessoas que desaparecem e nunca mais apareceram. Eles mataram, torturaram e tudo mais. Esse foi o lado negro, sombrio da revolução, porque eles poderiam ter feito uma revolução limpa. Podiam fazer uma revolução de domínio sem precisarem ser violentos. Os militares mesmo, os chamados chefes, os generais e os marechais, esses não eram os que nós tínhamos medo. Tínhamos medo do pequeno, do carcereiro.¹³⁴

As posições ideológicas sobre determinados acontecimentos podem ser expressos no vocabulário quando se trata de certos assuntos. A ditadura de 64 é um exemplo de acontecimento que ainda hoje é debatido nos meios acadêmicos e que, dependendo da visão ideológica de quem trata do assunto, pode assumir diferentes terminologias. Os acontecimentos de 64 poderiam ser uma “Revolução”, um “golpe de estado” ou até mesmo, somente uma intervenção. Neste trabalho, que não é isento de opinião e de ideologias, resolvi adotar a palavra golpe para tratar dos acontecimentos de maio e abril de 1964. No entanto, Macarini prefere utilizar o termo “Revolução”.

Foram todas essas coisas. Foi uma revolução, foi um golpe e uma intervenção. Eu também assumi uma posição contra. Fui muito perseguido. Não sou um defensor do regime. Houve componentes democráticos? Houve. O país já não era mais uma nação democrática. Havia pobreza. As instituições não funcionavam. Ninguém mais acreditava no governo. A governabilidade tinha acabado depois da posse do Jango. Um pouco de democracia houve na intenção do golpe. Violência? Houve demais. Golpe? Tudo é um golpe, e não deixou de ser golpe porque foi articulado, planejado. Eles não fizeram aleatoriamente. O golpe aconteceu no dia 1 de abril. Agora, o que é uma revolução? Pra mim, revolução é alguma que é revolucionada. Revolucionar costumes, sistemas sociais, normas, hábitos, do pior para o melhor. Isto, eles tentaram fazer uma revolução, mas não alcançaram essa chamada revolução. Eles se perderam na corrupção e na incompetência e, também, na rivalidade entre eles próprios. Então, o Brasil estancou 20 anos. Houve progresso nas comunicações, mas por causa de

¹³³ MACARINI, Walmor. Entrevista concedida ao autor em 6 de outubro de 2008.

¹³⁴ Idem.

pressões que vinham de fora. Houve um progresso, mas fomos empurrados. Então, eu posso dizer que houve de tudo um pouquinho. Houve o golpe, a revolução e tudo mais.¹³⁵

Smith lembra que o regime de 1964-85 estabeleceu duplas metas: segurança e desenvolvimento. Segundo a pesquisadora, durante todo o regime os militares tentaram manter as metas de segurança, no sentido de controle ausência de conflitos, e desenvolvimento, no sentido de crescimento econômico a qualquer preço¹³⁶.

Macarini acredita que apesar de existir um ideal de segurança nacional, os militares não conseguiram desempenhar. O jornalista justifica.

Não souberam desempenhar a ideologia de segurança nacional. Nós sabemos que os presidentes militares eram sabotados de dentro do próprio regime, por ciúmes. Insurgências de dentro do sistema. Costa e Silva, por exemplo, era liberal demais e, ele estava afrouxando e existem pessoas que duvidam das condições da morte dele. Supõe-se inclusive que doparam-no até que ele morreu. Eles não queriam o poder pelo poder, mas acabaram gostando.¹³⁷

Smith, complementando Macarini, afirma sobre o regime:

[...] apesar de todo esse poder, ele não era onipotente. Era constrangido por divisões internas, por facções que competiam pelo predomínio. O regime também se via constrangido por uma extraordinariamente ambivalente, porém constante busca de legitimidade. As tentativas por vezes contraditórias de validar seu sistema de dominação de justificar sua ocupação do Estado limitaram até certo ponto o que ele podia fazer.¹³⁸

Smith ainda lembra que para manter a ideologia de segurança nacional, o regime civil-militar elaborou novos procedimentos jurídicos e fundamentos institucionais para suas ações. A pesquisadora registra as estratégias do regime para manter seu domínio.

[...] procurou exercer controle através da repressão, com uma pletera de órgãos de segurança vigiando, interrogando e torturando. O regime mudou ou menosprezou as leis à vontade, mesmo as que ele próprio instituíra. Mas apesar de todo esse poder, ele não era onipotente. Era constrangido por divisões internas, por facções que competiam pelo predomínio. O regime também se via constrangido por uma extraordinariamente ambivalente, porém constante busca de legitimidade. As tentativas por vezes

¹³⁵ Ibidem..

¹³⁶ SMITH, Anne-Marie. *Op. Cit.* p.33

¹³⁷ MACARINI, Walmor. Entrevista concedida ao autor em 6 de outubro de 2008.

¹³⁸ SMITH, Anne-Marie. *Op. Cit.* p.33

contraditórias de validar seu sistema de dominação de justificar sua ocupação do Estado limitaram até certo ponto o que ele podia fazer.¹³⁹

A censura também foi implacável contra a *Folha de Londrina*. Motivos mínimos despertavam a atenção dos censores fazendo com que assuntos sem relevância alguma fossem censurados. Macarini argumenta que,

[...] notícias que a gente desse de um assunto à banco, mortes, eles não gostavam porque mostrava que o país não estava bem. Se você falasse de malária, de tuberculose, de doenças tropicais, eles não gostavam que você falasse. Porque mostrava que eles não estavam cuidando disso. A censura era uma coisa e louco. Nós tínhamos medo até escrever sobre horóscopo. Teve um caso que um colega que, por exemplo, quando falava que o capricorniano, e batia com o signo do presidente. Eles queriam saber porque você disse sobre aspectos ruins do horóscopo e algumas bobagens desse tipo. Mas, tudo pra eles era exemplo de inconformismo ideológico.¹⁴⁰

Macarini afirma que a o maior feito do jornalismo anti-revolução aconteceu na Folha de Londrina, fato que quase levou o jornalista, no momento diretor de redação no jornal a prisão.

O maior feito do jornalismo anti-revolução foi feito na Folha de Londrina. Eu fui o responsável direto, pois eu era o diretor de redação. O Leon Peres foi um governador nomeado pelo Médici, como todos os governadores. O Leon Peres era muito ditatorial. Era ditatorial porque era respaldado. Mas ele andou dando uns passos em falso com os próprios patrões. Andou falando mal de ministros. O Médici não gostou e disse que dos meus homens eu cuido. Não gosto de fofocas. O Leon Peres acabou a perigo e comentava-se que ele ia cair e eu sabia porque eu tinha informantes em Brasília. Eu tinha um amigo jornalista e ele sabia o que acontecia lá. E ele disse o Leon Perez vai ser chamado a depor no ministério da justiça. Pra isso eu fiz uma manchete: "Peres oito horas com Buzaid", e ele ficou oito horas depondo no ministério da justiça por, inclusive casos de corrupção. Os militares não queriam que banalizassem a corrupção e o Leon Peres fez isso. Nenhum jornal tinha dado isso. No dia seguinte: "Leon Peres vai renunciar". Por isso eu quase fui preso. A edição da Folha foi apreendida nas bancas e nas mãos de leitores. Apreenderam carros nossos com a edição indo para Curitiba. Foi aí que a coisa despertou mais interesse, porque será que Leon vai renunciar? Hoje parece fácil dizer que o Requião vai renunciar, mas naquele tempo, eles queriam que tudo fosse segredo. E depois das oito horas ele renunciou. Quando os jornais de Curitiba noticiaram, Leon Peres renunciou, no dia seguinte à manchete da Folha, nós já estamos publicando: "Parigot de Souza assume o lugar de Leon Peres". Nós caminhamos um dia frente dos outros jornais. Essa foi a maior vitória jornalística que tive.¹⁴¹

O diretor de redação da Folha conta que a convivência com os

¹³⁹ Idem. p.33

¹⁴⁰ MACARINI, Walmor. Entrevista concedida ao autor em 6 de outubro de 2008.

¹⁴¹ Idem.

censores fez com que eles se tornassem grandes amigos.

Mas depois nós ficamos amigos dos censores, porque eles não eram militares. Os censores eram da Polícia Federal e poucos sabem que existia uma rivalidade grande entre esses dois sistemas, da polícia federal e o exercito. Os policiais achavam que o exercito era burro, e os policiais tinham que ter formação acadêmica. Os que faziam a censura não eram soldadinhos, eram policias de nível superior que discutiam conosco em nível de igualdade. Eu me valia disso para semear intrigas. Os censores ficaram amigos, bebíamos cerveja.¹⁴²

A jornalista Linda Bulik também vivenciou os tempos de censura nas redações londrinenses, antes de sair do país para estudar. Bulik afirma que a censura muitas vezes chegava antes mesmo da notícia.

No final de 1969, eu entrei na *Folha* e comecei a participar do noticiário internacional e, pelo teletipo, eu recebia as noticias que a gente não podia publicar e que inclusive a gente nem tinha conhecimento lendo no jornal. Os jornais recebiam, naquela época via teletipo em espanhol das agências de imprensa internacionais as notícias que estavam em todo mundo e esse material chegava até nós sem censura. Nós recebíamos essas informações do que estava acontecendo, mas nem sempre podíamos publicar.¹⁴³

Bulik lembra que, muitas vezes, até mesmo matérias referentes a outros países eram censuradas, como por exemplo, no caso das noticias relacionadas ao Salvador Allende. A jornalista ainda comenta que não foi prejudicada somente no jornalismo, pois desempenhava também papéis de teatro.

Eu senti os impactos da censura quando eu montava peças de teatro e as peças tinham que ir para Brasília obter autorização da Polícia Federal e, muitas vezes, essa autorização não vinha ou chegava no último dia. No caso dos festivais eu fui prejudicada porque não veio a liberação para apresentar a peça para o festival. Então eu consegui ainda apresentar em circuito fechado, somente para amostra uma apresentação. Eram coisas assim estúpidas, porque para conseguir apresentar a peça “Entre quatro paredes” do Jean Paul Sartre, eu fui pessoalmente na delegacia de Polícia Federal conversar com os delegados para ver se conseguia uma liberação. O delegado me perguntou ainda se esse negócio de entre quatro paredes não era imoral e disse, ‘claro que não, a peça é de Jean Paul Sartre’. Isso significa que nem ler, eles liam as peças.¹⁴⁴

A jornalista Linda Bulik lembra que mesmo estando em uma editoria que tratava de assuntos internacionais, não escapava aos olhos dos censores.

¹⁴² Ibidem.

¹⁴³ BULIK, Linda. Entrevista concedida ao autor em setembro de 2008.

¹⁴⁴ Idem. .

Às vezes, tinham matérias denunciando as ditaduras nos países da América Latina. Esse teor crítico da matéria fazia com que você, até redigisse, mas havia recomendação da censura. Na época, até mesmo os censores costumam visitar as redações dos jornais, pedindo para não publicar algumas coisas. Muitas vezes, esse noticiário internacional não dizia respeito nem mesmo ao Brasil. Mas dizia respeito a uma intervenção dos Estados Unidos, por exemplo, no golpe de Estado do Chile com Allende. Então, nós fazíamos a matéria com todo empenho e, de repente, a matéria não podia sair inteira, ou não poderia sair parcialmente. Tudo isso porque os censores estavam na redação. Na verdade, no caso da *Folha de Londrina*, os censores conversavam mais com os donos do jornal e, o Walmor Macarini, era quem sofria mais com os censores.¹⁴⁵

Em 1972, Bulik foi responsável pela elaboração da editoria de arte da *Folha* que dava cobertura para a produção cultural e intelectual de Londrina, da região e do Brasil. A jornalista encerra a entrevista lembrando que muitas pessoas foram enganadas pela ditadura civil-militar.

Na classe média houve muita gente que foi enganada e acreditou que realmente foi um mal necessário. Eu acho que entre esses que acreditavam que os militares vieram para moralizar, para colocar “ordem na casa” e acabar com a corrupção. A classe média só começou se sentir iludida já no início da década de 70, quando tomam conhecimento da censura, quando começam muitos desaparecimentos, prisioneiros políticos, inclusive pessoas da própria classe média.¹⁴⁶

Bulik lembra que somente no período Geisel a população começa a cobrar o governo pelas atitudes repressoras e, neste momento, novamente entra em cena a imprensa, principalmente a chamada imprensa alternativa. Assim, aos poucos o regime enfraqueceu, até que em 1985 acabou cedendo às críticas e ao povo. Era a vitória da democracia.

¹⁴⁵ Ibidem.

¹⁴⁶ Ibidem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada nos leva à reflexão de que, assim como em muitos outros lugares, a chamada “Revolução Democrática” levou as pessoas a acreditarem nos ideais do golpe civil-militar de 1964. No início, diante da visão “apocalíptica” que a classe média tinha de João Goulart e do perigo da “comunização”, milhares de pessoas e jornais se juntaram aos militares em apoio à intervenção que, ao invés de livrar o país de todos os males dantes condenados, levou-o a um dos períodos mais difíceis de sua história.

Neste trabalho discuti-se a posição de Londrina diante do golpe militar até meados de 1973. Nesse percurso foram encontrados jornais que, semelhante à posição da chamada “grande imprensa”, apoiou o golpe militar e afirmou ser estes “gestos amplos de grandeza legítima, da parte dos políticos e dos líderes”¹⁴⁷, mas também foram encontrados jornalistas que, diante do efervescer da história política neste momento souberam ver além dos fatos e prever as trágicas conseqüências daqueles fatos. Assim dizia um outro jornal do período:

Ante a seqüência de acontecimentos de após “revolução, não nos é possível preferir a comodidade de espectador que ri e aplaude, solta foguetes e dá vivas, aumentando com a omissão criminosa a cáfila vergonhosa dos pusilânimes. Para nós seria até muito mais tranqüilo a posição de fogueteiro, de puxa saco. Falou mais alto, entretanto, dentro em nós, a voz do dever, da consciência, do patriotismo. Não podemos assistir a este festim de ódios, injustiças e perseguições sem ao menos dizer de publico do nosso constrangimento, do nosso pezar e do nosso” pejo.¹⁴⁸

O trabalho buscou mostrar que apesar de condicionados a uma mesma realidade, os jornais se diferenciaram quanto à visão que tinham do golpe militar de 1964, mas não quanto à perseguição sofrida posteriormente. É verdade que, no caso daqueles que apoiaram desde o início, a ditadura civil-militar tardou em persegui-los, no entanto, quando o fez utilizou o mesmo rigor com que utilizara para perseguir aqueles que desde o início foram contra as intervenções civil-militares de 64.

Para entender os acontecimentos de abril e maio de 1964, foram recordados os motivos que levaram ao golpe civil-militar buscando suas raízes no governo de João Goulart. O presidente que, desde o início já recebia olhares

¹⁴⁷ *Folha de Londrina*. 2 de abril 1964. p.2

¹⁴⁸ *O Combate* – Maio/1964 – p.2-3

desconfiados da elite e dos militares por causa de sua história política e, também pela condição em que assumira o poder em 1961, se tornou uma das principais desculpas para que houvesse uma intervenção militar na política nacional.

Na pesquisa discutiu-se como o londrinense se comportou diante do golpe civil-militar. As reações das pessoas foram analisadas por meio das matérias publicadas em diversos jornais como a *Folha de Londrina*, *O Combate* e reportagens especiais que relembrou o golpe no jornal *Fala, Paraná* em edição de 1981. Como em outras cidades do país e da região, o londrinense saiu às ruas em passeatas para celebrar a “Revolução Democrática” iludido com os propósitos dos revolucionários, mas também alguns foram reprimidos e perseguidos desde o início, simplesmente pelo fato de criticarem e se oporem às ações desenvolvidas pelos militares em 1964.

No decorrer deste trabalho discutiu-se, também, o comportamento político do londrinense no decorrer da ditadura civil-militar. Durante todo esse período, a política local foi dominada pela oposição ao governo federal. O governo militar chegou a Londrina enquanto o político udenista Hosken de Novaes era prefeito. No entanto, o domínio dos partidos aliados durou pouco, ao menos até a próxima eleição, quando o MDB¹⁴⁹ com Dalton Paranaguá passou a dominar a política local vencendo todas as eleições para prefeito em Londrina até o final da ditadura civil-militar em 1985. Desta forma, um partido sem tradição e de oposição ao governo, que por si só já caracteriza uma situação difícil naquele período, encontrou forças em Londrina para, inclusive, conquistar a prefeitura da mais importante cidade paraense onde eram realizadas eleições diretas para prefeito.

Pode-se perceber por meio deste trabalho a possibilidade de novos campos de investigação da ditadura civil-militar em Londrina. Esta pesquisa não tem a pretensão de esgotar o tema, até mesmo porque existe ainda uma infinidade de fontes a serem exploradas. É importante ressaltar que essa pesquisa terá continuação pela infinidade de abordagens e objetos de estudo e, principalmente, pela importância do tema que, ainda hoje, está presente na recordação e no dia-a-dia de todos os brasileiros.

A ditadura militar ainda é um campo de pesquisa em aberto. Ainda

¹⁴⁹ Neste momento já sobre a influência do Ato Institucional nº2, através do Ato Complementar 4, que redefinia a organização partidária no Brasil dividindo os partidos políticos somente em ARENA (Aliança Renovadora Nacional) ou MDB (Movimento Democrático Brasileiro).

existem muitas fontes orais e inúmeros documentos a serem explorados.

REFERÊNCIAS

_____. **O Paraná Reinventado:** política e governo. 2ed. Curitiba: IPARDES, 2006.

AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da História Oral.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

ARIAS NETO, José Miguel. **O Eldorado:** representações da política em Londrina – 1930/1975. Londrina: Ed UEL, 1998.

BULIK, Linda. **Doutrinas da informação no mundo de hoje.** São Paulo: Loyola, 1990.

BULIK, Linda. Entrevista concedida ao autor em setembro de 2008.

CESÁRIO, Ana Cleide Chiarotti. **Poder e partidos políticos em uma cidade média brasileira:** um estudo de poder local: Londrina – PR. 1934-1979. São Paulo, 1986. *Dissertação de Doutorado.p.409*

COUTO, Adolpho J. de Paula. **Revolução de 1964:** a versão e o fato. Porto Alegre: Gente do Livro, 1999.

DECCA, Edgar de. **1930:** o silêncio dos vencidos. 5ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

DUARTE, J. e BARROS, A. (org). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo: Atlas, 2005.

FARIA, Enéas; SEBASTIANI, Sylvio. **Governadores do Paraná:** a história por quem construiu a história. Curitiba: SISTANI, 1997.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

FILHO, Marinósio e NETO, Marinósio. **História da imprensa de Londrina:** do baú do jornalista. Londrina: UEL, 1991.

GEISEL, Ernesto. Depoimento ao CPDOC. Fonte: << <http://www.cpdoc.fgv.br> >> Acessado em: 20 agosto. De 2008.

HELLER, Milton Ivan. **Resistência Democrática:** a repressão no Paraná. Rio de Janeiro: Ed Paz e Terra, 1988.

MACARINI, Walmor. Entrevista concedida ao autor em 6 de outubro de 2008.

MACHADO, J. A. Pinheiro. **Opinião X Censura**: momentos da luta de um jornal pela liberdade. Porto Alegre: L&PM, 1978.

OLIVEIRA, Maria Rosa Duarte. **João Goulart na imprensa**: de personalidade a personagem. São Paulo: Annablume, 1993

ROUCHOU, Joëlle. **História Oral**: entrevista – reportagem X entrevista –história. Disponível em: <http://revcom2.portcom.intercom.org.br>. Acesso em: 22 de nov. de 2007

ROUQUIÉ, A. **O Estado militar na América Latina**. Rio de Janeiro: Alfa-Ômega, 1984

SARMENTO, Carlos Eduardo. **O Plano Trienal e a política econômica no presidencialismo**. Fonte: <http://www.cpdoc.fgv.br>. Acessado em 02/07/2007.

SILVA, Hélio Ribeiro da. **1904 – 1964 Golpe ou Contragolpe?** Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 1975. p. 20

SILVA, Hélio Ribeiro da. **1904 – 1964 Golpe ou Contragolpe?** Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 1975.

SMITH, Anne-Marie. **Um acordo forçado**: o consentimento da imprensa à censura no Brasil. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p.95.

SMITH, Anne-Marie. **Um acordo forçado**: o consentimento da imprensa à censura no Brasil. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

TOLEDO, Caio Navarro. **O governo Goulart e o golpe de 64**. São Paulo: Brasiliense, 1987.p.22

TOLEDO, Caio Navarro. **O governo Goulart e o golpe de 64**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

VICTOR, Mário. **Cinco anos que abalaram o Brasil** (de Jânio Quadros ao Marechal Castelo Branco). Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1965.

Periódicos

FALA, PARANÁ. Abril de 1981.

FOLHA DE LONDRINA. Março – maio de 1964 e maio de 1983.

MEU BRASIL. Março de 1971.

O COMBATE. Março- junho de 1964

APÊNDICE

APÊNDICE 1 – MACARINI, Walmor. Entrevista concedida ao autor em 6 de outubro de 2008.

GRSD: Quem é o Walmor Macarini?

Eu sou Walmor Macarini, com “W”. Jornalista, trabalho na Folha de Londrina há 53 anos, desde a minha juventude. No jornal eu já fui repórter de vários setores, quase todos eles e, depois, eu cheguei a diretor de redação e editor chefe. Fiquei nessas funções durante 27 anos. Conclui essa fase em 1992. Quase a vida toda no comando da Folha. Enquanto, também, cuidava da Folha de Londrina fui correspondente do jornal Estado de São Paulo, em Londrina, por uns dez a doze anos. Bom, essa é a minha experiência profissional.

Nesse aprendizado eu fui me aperfeiçoando, conhecendo coisas novas e, também participei muitos seminários de jornalismo no Brasil e no exterior e assisti uma infinidade de palestras do gênero. Busquei sempre aprender mais, sempre mais e ao final agente chega a conclusão que sabe muito pouco e que tem sempre que aprender nessa profissão pois lidamos com a opinião pública e acabamos sempre influenciando na opinião das pessoas, redefinindo rumos e isso é sempre uma grande responsabilidade do jornalista.

GRSD: Durante a ditadura, quais foram os cargos ocupados pelo Senhor e quais as responsabilidades assumiu?

Eu assumi a chefia curiosamente quando irrompeu a chamada revolução, em 1964. A ditadura era barra pesada e, naturalmente como diretor de redação era muito visado. Durante os vinte anos de ditadura, enquanto duraram esses tempos sombrios eu fui muito perseguido. Nunca sofri nenhuma prisão, nem nada físico, mas a pressão psicológica foi muito intensa naqueles tempos. Tínhamos medo. Jornalistas, sociólogos, políticos de esquerda, todos nós tínhamos muito medo, muito medo mesmo. Eles eram capazes de grandes atrocidades. Que poderiam ir até a execução e eles fizeram, os militares.

GRSD: Como a Folha de Londrina recepcionou o golpe militar de 1964? Qual era a posição do jornal diante desses acontecimentos?

O povo naqueles dias esteve a favor do golpe. Havia um desmando pelas esquerdas meio extremadas. O Brasil estava frouxo nas suas instituições. Já não havia mais segurança na governabilidade e todos os brasileiros por inteiro aplaudiram a revolução. Os primeiros quatro anos comandados pelo general Castelo Branco. Ele,

também foi um general, mas, digamos assim, ele foi um democrata. Ele era um cidadão com bons propósitos. Esses quatro anos foram bons. Mas entraram os governos sucessivos. A revolução foi até inteligente, eles elegiam os presidentes via congresso, em outras palavras, o povo.

A Folha de Londrina encarou como nem sim, nem não. Encarou como um momento histórico normal, porque precisava acontecer alguma coisa. E aconteceu, via militar. E todos aplaudiram. Todos. Os perdedores, naturalmente, que eram as esquerdas, queriam a bagunça e estavam com a intenção de implantar uma ditadura pior e muito mais extremada, é o que se supõe. Porque eram capazes. Houve aqueles casos de guerrilhas. Atentados pós-revolução a bancos e bombas explodindo. Eram coisas das esquerdas. Mas, também, houve casos em que as direitas fizeram explodir bombas para atribuir isso as esquerdas. No fim, houve uma luta entre essas duas facções.

O povo não estava nem aí, quem estava ligando pra essas coisas eram nós jornalistas, políticos esquerdas, militâncias, os intelectuais mais de esquerda extremada que protestavam. O povo não estava nem aí com a ditadura ou não. O Povo quer ter o seu trabalho, quer ganhar dinheiro, quer ter alimentos, educação, saúde e as coisas básicas a revolução não descuidou. Ela de certa forma cuidou desses detalhes do social. Não melhor do que hoje, nem pior. Mesma coisa.

Não havia sim um questionamento de ordem ideológica. Nós jornalistas cuidávamos do que acontecia, mas depois do Castelo começou haver uma pressão muita pesada sobre a imprensa. Antes dele, também havia censura, mas posteriormente a pressão aumentou bastante. Foi o período em que houve muitas prisões de jornalistas, aquele suposto suicídio do Herzog e prisões, prisões e prisões, muitas prisões com torturas e pessoas que desaparecem e nunca mais apareceram. Eles mataram, torturaram e tudo mais. Esses foram os lados negros, sombrios da revolução, porque eles poderiam ter feito uma revolução limpa. Podiam fazer uma revolução de domínio sem precisar ser violento. Os militares mesmo, os chamados chefes, os generais e os marechais, esses não eram os que nós tínhamos medo. Tínhamos medo do pequeno, do carcereiro do guarda da esquina. Não existia mais lei. Era a lei do forte, a lei da “porrada”.

GRSD: Em todas as suas falas você utiliza o termo “Revolução”. Gostaria que você me explicasse o motivo de usar este termo e não “golpe militar” ou “intervenção militar”. Qual a diferença para você entre esses termos?

Foram todas essas coisas. Foi uma revolução, foi um golpe e uma intervenção. Eu também assumi uma posição contra o regime. Fui muito perseguido. Não sou um defensor do regime. Houve componentes democráticos? Houve. O país já não era mais uma nação democrática. Havia pobreza. As instituições não funcionavam. Ninguém mais acreditava no governo. A governabilidade tinha acabado depois da posse do Jango. Um pouco de democracia houve na intenção do golpe. Violência? Houve demais. Golpe? Tudo é um golpe, e não deixou de ser golpe porque foi articulado, planejado. Eles não fizeram aleatoriamente. O golpe aconteceu no dia 1 de abril. Agora, o que é uma revolução? Pra mim, revolução é alguma que é revolucionada. Revolucionar costumes, sistemas sociais, normas, hábitos, do pior para o melhor. Isto, eles tentaram fazer uma revolução, mas não alcançaram essa chamada revolução. Eles se perderam na corrupção e na incompetência e, também, na rivalidade entre eles próprios. Então, o Brasil estancou 20 anos. Houve progresso nas comunicações, mas por causa de pressões que vinham de fora. Houve um progresso, mas fomos empurrados. Então, eu posso dizer que houve de tudo um pouquinho. Houve o golpe, a revolução e tudo mais.

Havia um ideal. Os comandantes esclarecidos tinham a intenção de implantar uma ordem, uma verdadeira democracia depois disso. Entretanto a revolução durou apenas quatro anos, depois tudo virou uma baderna.

Eles não souberam desempenhar a ideologia de segurança nacional. Nós sabemos que os presidentes militares eram sabotados de dentro do próprio regime, por ciúmes. Insurgências de dentro do sistema. Costa e Silva, por exemplo, era liberal demais e, ele estava afrouxando e existem pessoas que duvidam das condições da morte dele. Supõe-se inclusive que doparam-no até que ele morreu. Eles não queriam o poder pelo poder, mas acabaram gostando.

Depois veio a censura, por exemplo, as notícias que a gente desse de um assunto a banco, mortes, eles não gostavam porque mostrava que o país não estava bem. Se você falasse de malária, de tuberculose, de doenças tropicais, eles não gostavam que você falasse. Porque mostrava que eles não estavam cuidando disso. A censura era uma coisa e louco. Nós tínhamos medo até escrever sobre horóscopo. Teve um caso que um colega que, por exemplo, quando falava que o capricorniano, e batia com o signo do presidente. Eles queriam saber porque você disse sobre aspectos ruins do horóscopo e algumas bobagens desse tipo. Mas, tudo pra eles era exemplo de inconformismo ideológico.

Fui interrogado "7 mil vezes" e, eles queriam que eu entregasse comunistas e, não havia comunistas na Folha de Londrina. Teve um período que ficava censor dentro da redação e vigiavam tudo. Quando a matéria estava colocada, eles queriam que tirasse tudo. E nós não colocávamos, ficava um espaço em branco para mostrar no mínimo que ali tinha uma censura. Não havia tempo hábil para você "arrumar" uma notícia para colocar naquele espaço em branco, então tinham buracos no jornal e chegava até a ser divertido, porque a gente gostava dos buracos, não da censura, mas se já está censurado.

Mas depois nós ficamos amigos dos censores, porque eles não eram militares. Os censores eram da Polícia Federal e poucos sabem que existia uma rivalidade grande entre esses dois sistemas, da policia federal e o exército. Os policiais achavam que o exercito era burro, e os policiais tinham que ter formação acadêmica. Os que faziam a censura não eram soldadinhos, eram policias de nível superior que discutiam conosco em nível de igualdade. Eu me valia disso para semear intrigas. Os censores ficaram amigos, bebíamos cerveja.

GRSD: A partir de que momento houve uma reação da ditadura em relação à Folha de Londrina?

É difícil precisar o momento exato. Tivemos alguns momentos de dura repressão, principalmente os presidentes que sucederam Castelo Branco. Mas não me recordo do momento exato que isso aconteceu.

GRSD: Houve em algum momento em que a Folha de Londrina publicou algo que contrariava as indicações feitas pelo regime para não publicar?

O maior feito do jornalismo anti-revolução foi feito na Folha de Londrina. Eu fui o responsável direto, pois eu era o diretor de redação. O Leon Peres foi um governador nomeado pelo Médici, como todos os governadores. O Leon Peres era muito ditatorial. Era ditatorial porque era respaldado. Mas ele andou dando uns passos em falso com os próprios patrões. Andou falando mal de ministros. O Médici não gostou e disse que dos meus homens eu cuido. Não gosto de fofocas. O Leon Peres acabou a perigo e comentava-se que ele ia cair e eu sabia porque eu tinha informantes em Brasília. Eu tinha um amigo jornalista e ele sabia o que acontecia lá. E ele disse o Leon Perez vai ser chamado a depor no ministério da justiça. Pra isso eu fiz uma manchete: "Peres oito horas com Buzaid", e ele ficou oito horas depondo no ministério da justiça por, inclusive casos de corrupção. Os militares não queriam que banalizassem a corrupção e o Leon Peres fez isso. Nenhum jornal tinha dado

isso. No dia seguinte: "Leon Peres vai renunciar". Por isso eu quase fui preso. A edição da Folha foi apreendida nas bancas e nas mãos de leitores. Apreenderam carros nossos com a edição indo para Curitiba. Foi aí que a coisa despertou mais interesse, porque será que Leon vai renunciar? Hoje parece fácil dizer que o Requião vai renunciar, mas naquele tempo, eles queriam que tudo fosse segredo. E depois das oito horas ele renunciou. Quando os jornais de Curitiba noticiaram, Leon Peres renunciou, no dia seguinte a manchete da Folha, nós já estamos publicando: "Parigot de Souza assume o lugar de Leon Peres". Nós caminhamos um dia frente dos outros jornais. Essa foi a maior vitória jornalística que tive.

O Milanez ficou apavorado. A Folha de Londrina estava certa e a própria Polícia Federal e o exército, não podiam fazer nada. Se essas coisas não acontecessem estaríamos ferrados, mas a fonte era segura. Esse foi um período amedrontador, se o Leon Peres não renunciasse eu seria acusado de gerar um alarme, uma intranqüilidade social.

Durante toda a ditadura eu tinha medo todos os dias. Uma noite um veraneio me seguiu. Um policial de Londrina tinha planejado me prender e a esposa dele, minha amiga era contra o regime me avisou: "Se cuida que eles querem te pegar, e é meu marido que quer fazer isso". Eu pedi socorro. Sabe pra quem? Pra maçonaria. Lá dentro da maçonaria tinha vários adeptos a revolução. Eu coloquei o problema dentro do templo e queria que eles me ajudassem. Eu tinha medo, nas cadeias eles batiam, torturavam, tiraram as unhas do cara, violentavam as mulheres, colocavam no pau-de-arara.

APÊNDICE 2 - BULIK, Linda. Entrevista concedida ao autor em setembro de 2008.

GRSD: Quem é Linda Bulik?

Eu comecei muito jovem no jornalismo. Eu sempre tive, desde adolescente, uma tendência muito grande para a literatura. Então, eu escrevia contos, poemas e cheguei até a escrever um romance que eu nunca publiquei.

Antes de entrar na faculdade, eu tinha uma amiga que trabalhava no escritório do Dr. Victorio Constantino. Lá era estagiário o Dr. Délio César, que era chefe de redação da Folha de Londrina. O Délio leu as minhas crônicas e me disse: “Nossa! Você tem um jeito para jornalismo”. Até pegou algumas crônicas minhas que foram publicadas na Folha de Londrina. Aí, eu comecei trabalhar no jornal Estado do Paraná fazendo trabalhos de publicar crônicas, reportagens, coisas assim. Tudo isso antes de entrar na faculdade.

Eu também trabalhei na Tribuna do Paraná como colaboradora. Naquela época, a profissão ainda não era regulamentada. Em 1969, a Folha abriu uma vaga para jornalista e, então, eu fui chamada. O chefe de redação era o Walmor Macarini. Foi quando juntou vestibular com faculdade. Comecei fazendo curso de letras e somente depois eu faria o curso de comunicação.

Fui contratada para trabalhar no noticiário internacional. As notícias vinham naquela época em espanhol e tínhamos que traduzir. Essa foi a minha grande escola de jornalismo. Depois do noticiário internacional, trabalhei no noticiário nacional fazendo reportagens.

Me formei em 1973 e, logo em seguida, fui fazer minha pós-graduação na França no campo da comunicação.

GRSD: Como foi sua história na Folha de Londrina no período da censura?

No final de 1969, eu entrei na Folha e comecei a participar do noticiário internacional. Pelo teletipo, eu recebia as notícias que a gente não podia publicar e que, inclusive, a gente nem tinha conhecimento lendo no jornal. Os jornais recebiam, naquela época via teletipo em espanhol das agências de imprensa internacionais as notícias que estavam em todo mundo e esse material chegava até nós sem censura. Nós recebíamos essas informações do que estava acontecendo, mas nem sempre podíamos publicar.

Esse material chegava na Folha de Londrina e nós tínhamos acesso as coisas que aconteciam. Às vezes, tinham matérias denunciando as ditaduras nos países da

América Latina. Esse teor crítico da matéria fazia com que você, até redigisse, mas havia recomendação da censura. Na época, até mesmo os censores costumam visitar as redações dos jornais, pedindo para não publicar algumas coisas. Muitas vezes, esse noticiário internacional não dizia respeito nem mesmo ao Brasil. Mas dizia respeito a uma intervenção dos Estados Unidos, por exemplo, no golpe de Estado do Chile com Allende. Então, nós fazíamos a matéria com todo empenho e, de repente, a matéria não podia sair inteira, ou não poderia sair parcialmente. Tudo isso porque os censores estavam na redação. Na verdade, no caso da Folha de Londrina, os censores conversavam mais com os donos do jornal e, o Walmor Macarini, era quem sofria mais com os censores.

GRSD: Como foi conviver com a censura?

Nesse período, dentro da minha carreira, eu além de jornalismo, também fazia teatro. Eu que dirigia o grupo de teatro 'Rocha Pombo', do grupo de filosofia, ciências e letras da universidade de Londrina. Quando eu entrei ainda era Faculdade. Eu fui diretora do teatro 'Rocha Pombo'.

Eu comecei a participar dos festivais de teatro. Vou voltar um pouco. Minha participação no teatro começou enquanto eu ainda estava no colégio. Cito minhas atividades no teatro por dois motivos: Ao mesmo tempo em que era jornalista, eu e alguns amigos, tínhamos uma atividade literária e teatral. Entre esses colegas estavam o Domingos Pelegrini Júnior, Edílson Leal.

A censura não atingia só o jornalismo londrinense. Atingia muito o teatro. Eu senti os impactos da censura quando eu montava peças de teatro e elas tinham que ir para Brasília obter autorização da Polícia Federal. Muitas vezes, essa autorização não vinha ou chegava no último dia. No caso dos festivais eu fui prejudicada porque não conseguia a liberação para apresentar a peça para o festival. Então, eu consegui ainda apresentar em circuito fechado, somente para amostra uma apresentação. Eram coisas assim estúpidas, porque para conseguir apresentar a peça "Entre quatro paredes" do Jean Paul Sartre, eu fui pessoalmente na delegacia de Polícia Federal conversar com os delegados para ver se conseguia uma liberação. O delegado me perguntou ainda se esse negócio de entre quatro paredes não era imoral e disse, 'claro que não, a peça é de Jean Paul Sartre'. Isso significa que nem ler, eles liam as peças.

Em 1972, estava trabalhando, já era universitária. Neste ano eu criei a editoria de arte da Folha de Londrina. Essa editoria publicava semanalmente as críticas de arte,

de literatura além de dar uma cobertura para a produção, cultural, intelectual de Londrina, da região, do Paraná e do Brasil. Neste período também havia muita censura na imprensa, não só na Folha de Londrina, mas também nos meios de comunicação de Londrina, de modo geral. Depois disso, fui para a França onde fiquei de 1973 até final de 1977.

ANEXOS

ANEXO 1 – Jornal 'Meu Brasil'. 31 de Março de 1971.

Protocolo nº 1535/84

MEU BRASIL

Homenagem ao Sétimo Aniversário da Revolução de 31 de Março
Londrina, 31 de Março de 1971.

Editor: Oliveira Junior.
Editor Associado: Antônio Dilela de Magalhães

Dados históricos

Os dados históricos do movimento revolucionário, que divulgamos hoje, foram extraídos de informações distribuídas pela Agência Nacional, em 1964, logo após a vitória da Revolução, e difundidas pela imprensa naquela ocasião.

Mensagem da ARENA de Londrina

A Aliança Renovadora Nacional - Diretório Municipal de Londrina - representando aqui uma parcela do partido da Revolução, integrada pelos revolucionários da primeira hora, pelos arenistas autênticos, que em nenhum momento transigiram na defesa dos seus princípios que são os princípios da nova ordem, levanta hoje a sua voz para enaltecer o trabalho dos governos revolucionários, de Castelo Branco e Médici, nestes sete anos de luta restauradora da Pátria. Manifesta também o seu apoio e a sua irrestrita confiança no trabalho coerente, enérgico e patriótico do governador Haroldo Leon Peres.

Com Homens como o Presidente Garrastazu Médici e o Governador Haroldo Leon Peres, a Revolução Democrática há-de seguir vitoriosa o seu curso histórico!

ARENA DE LONDRINA

O Brasil se Salvou Em 48 Horas

Na manhã de 31 de março de 1964, tropas da IV Região Militar sediadas em Juiz de Fora, sob o comando do general Olímpio Mourão Filho, reforçadas pela Polícia Militar de Minas Gerais, iniciaram a marcha revolucionária sobre o Rio de Janeiro. Na noite do mesmo dia, uma estação de rádio de Juiz de Fora, a Rádio Industrial, não entrou em cadeia com a Voz do Brasil e declarou-se porta-voz da Revolução, ao mesmo tempo em que dava a Juiz de Fora o título de "Capital Revolucionária do Brasil".

Algumas horas depois, quando a Nação mal começava a exulta com a coragem dos generais mineiros, chegou de São Paulo a notícia-bomba: o general Amauri Kruehl, comandante do II Exército, apolava Mourão Filho e Guedes contra o Governo Federal, e marchava também com suas tropas e direção à Guanabara.

Mais algumas horas e chegava do Nordeste a palavra do general Justino Alves Bastos, comandante do IV Exército: juntara-se a movimento revolucionário e prendera o governador comunista de Pernambuco, Miguel Arraes.

No Rio Grande do Sul, o comando do III Exército, com algumas guarnições fiéis ao presidente Goulart, tentava conter as demais, já em armas para apoiar a revolução, inclusive as dos Estados do Paraná e Santa Catarina.

Só o I Exército parecia ficar com o Governo Goulart. Mas a 1.º de abril desmantelaram-se as últimas esperanças do Governo. O Regimento Sampaio, que partira ao encontro das tropas mineiras, juntara-se a estas, contra Goulart. O Presidente fugiu do Rio de Janeiro para Brasília e de lá para lugar ignorado. Estava terminada a ação militar revolucionária. Ranieri Mazzilli, presidente da Câmara dos Deputados, assumiu o Governo da República.

Tudo isto aconteceu em apenas 48 horas, graças ao amplo apoio do povo brasileiro.



SERCOMTEL - Revolução nas Comunicações -

ASSUNTOS DO CADERNO
Atos da Municipalidade, Notícias Internacionais, Ediciais

FOLHA DE LONDRINA

EDIÇÃO DE HOJE
16 PAGINAS
30 CRUZEIROS

Director Proprietário
JOAO MILANEZ

Director de Redação
NILSON RIMOLI

ANO XIII

LONDRINA — QUARTA-FEIRA, 1 DE ABRIL DE 1964.

No. — 3.665

Washington expressa o temor de que a democracia brasileira seja derrubada

Nafinha de montagem novos jatos ingleses

De Gaulle considera produtiva a visita reclicada ao México

O presidente de França, Charles De Gaulle, que acaba de receber telegramas de México, Maritima e Guiana Francesa, em visita internacional com o imperador do Brasil, em visita ao México. De Gaulle, acompanhado de sua esposa, está em Brasília, no Brasil, durante a visita ao México. De Gaulle, acompanhado de sua esposa, está em Brasília, no Brasil, durante a visita ao México. De Gaulle, acompanhado de sua esposa, está em Brasília, no Brasil, durante a visita ao México.

Apelo ao Comércio e à Indústria

As senhoras que integram a Comissão Organizadora da MARCHA DA FAMÍLIA, COM DEUS, PELA LIBERDADE, a ser realizada em 15 de maio de amanhã, convidamos a todos os comerciantes e a Indústria de Londrina para que compareçam a suas atividades. Às 14 horas, dia 15, a fim de que os trabalhadores do Comércio e da Indústria participem dessa grandiosa manifestação de civismo e de apoio à democracia.

A COMISSÃO.

Grave a situação em algumas províncias de Vietnã do Sul

SAIGON, 31 (UPI) — A situação é muito grave em algumas províncias do Vietnã do Sul, devido ao aumento dos ataques regulares dos vietcongs e o melhor apoio que recebem, declarou hoje, no comando militar norte-americano no Vietnã do Sul. Entre as zonas onde a situação piorou, mencionaram-se as de Tay Ninh, norte de Saigão, e a de Tam An, à suroeste da Capital.

Genebra: Tchecoslováquia vai aderir ao Acordo Internacional do Café

GENEIRA, 31 (UPI) — A Tchecoslováquia aderirá ao Acordo Internacional do Café de Genebra, hoje, afirmou o ministro do Comércio Exterior, Karel Černý, em uma declaração dada a jornalistas. O ministro afirmou que o governo tcheco está pronto para aderir ao acordo, desde que as condições sejam favoráveis. O ministro também mencionou que o governo tcheco está pronto para aderir ao acordo, desde que as condições sejam favoráveis.

Buscas do DC-4 que desceu no Pacífico

GENEIRA, 31 (UPI) — O ministro do Comércio Exterior, Karel Černý, afirmou hoje que o governo tcheco está pronto para aderir ao Acordo Internacional do Café de Genebra, desde que as condições sejam favoráveis.

Estudantes estrangeiros posam para Alex Portner

O consagrado pastor britânico Alex Portner, um dos maiores representantes da Igreja Metodista, está utilizando como modelo várias atividades recreativas que praticam nas suas igrejas em Londrina. No momento, a igreja está inundada de estudantes estrangeiros. Entre os convidados aparecem, à esquerda, a srta. Beatriz Vasconcelos, natural de Curitiba, filha do embaixador brasileiro na Bolívia. (Foto UPI, para a Folha)

GRÉCIA DEFENDERÁ CHIPRE EM CASO DE INVASÃO DA TURQUIA

ATENAS, 31 (UPI) — O primeiro-ministro grego, Konstantinos Karamanlis, afirmou hoje que a Grécia defenderá Chipre em caso de invasão turca. Karamanlis afirmou que a Grécia defenderá Chipre em caso de invasão turca.

Tito irá à Finlândia

HELSINQUE, 31 (UPI) — O presidente iugoslavo, Josip Broz Tito, irá à Finlândia, em princípios de junho. O anúncio foi feito pelo Ministério do Exterior e diz ainda que não se fixou a data da visita.

CORDAS DE NAILON SAO MAIS LEVES E FORTES

Um jogador de tênis usa cordas de náilon em sua raquete. As cordas de náilon são mais leves e fortes do que as cordas de algodão. O jogador de tênis usa cordas de náilon em sua raquete. As cordas de náilon são mais leves e fortes do que as cordas de algodão.

MAKARIOS

Sacerdote budista tem plano de paz para o Vietnã do Sul

O sacerdote budista Thích Nhất Hạnh, que vive no Vietnã, está em Londrina, no Brasil, para participar de uma conferência sobre paz. O sacerdote budista Thích Nhất Hạnh, que vive no Vietnã, está em Londrina, no Brasil, para participar de uma conferência sobre paz.

LONDRINENSES:

A alma da Democracia é o dirigente de Peter manifestação do povo. Usando a nossa grande arma, manifestamos nossa fé em Deus e pela ordem na MARCHA DA FAMÍLIA, COM DEUS, PELA LIBERDADE. Amanhã, quinta-feira, às quinze horas, Concentração na Av. Higienópolis, junto à caixa d'água. A COMISSÃO.

AMUNICIONADO CASABONA
 ALIAS DE MURDER
 PUBLICADO NOTICIA
 DA INVESTIGACAO
 BRASILEIRA

FOLHA DE LONDRINA

Município de Londrina
 JORNAL DIÁRIO
 FUNDADO EM 1953

LONDRINA — SEXTA-FEIRA, 3 DE ABRIL DE 1964

Edição de Hoje
 10 PAGINAS
 DE CIRCULACAO

ANO XLII
 Nº. 2.083

Johnson cumprimenta Mazzili e assegura apoio total ao novo mandatário brasileiro



Johnson cumprimenta Mazzili em sua chegada ao Brasil. O novo embaixador brasileiro, João Mazzili, é recebido pelo governador do Paraná, Jaime Zombardo, e pelo governador do Rio Grande do Sul, João Goulart, em sua chegada ao Brasil. Mazzili é acompanhado por sua esposa e filhos. A recepção ocorreu no Aeroporto de Curitiba, onde o governador Zombardo fez um discurso de boas-vindas. Mazzili agradeceu a recepção e afirmou que o Brasil sempre terá o apoio total dos Estados Unidos.

Diário da alma

Um professor de Departamento de Filosofia diz que os Estados Unidos não estão interessados em apoiar o Brasil. Ele diz que os Estados Unidos estão interessados em apoiar o Brasil apenas para manter o status quo no Brasil. Ele diz que os Estados Unidos não estão interessados em apoiar o Brasil para promover a democracia e a liberdade.

Embaixador britânico no Panamá visita Londres: não retornaria ao posto

O embaixador britânico no Panamá, Sir Robert MacNair, visitou Londres para discutir o caso de Panamá. Ele afirmou que não retornaria ao posto devido a pressões políticas. Ele disse que o caso de Panamá é muito complicado e que ele não quer se envolver nele.

Tropas da ONU intervêm em conflito na Ilha de Chipre

As tropas da ONU chegaram à Ilha de Chipre para mediar o conflito entre gregos e turcos. O conflito começou em julho de 1963 e se tornou cada vez mais violento. As tropas da ONU chegaram em março de 1964 para tentar resolver o conflito.

Jornais portugueses analisam os últimos acontecimentos no Brasil

Os jornais portugueses analisaram os últimos acontecimentos no Brasil, incluindo a chegada do novo embaixador brasileiro. Eles disseram que o Brasil está passando por uma transição importante e que os Estados Unidos devem apoiar o Brasil durante esse período.

Operação militar na Vítima

Uma operação militar foi realizada na Vítima para combater o crime organizado. As autoridades disseram que a operação foi bem-sucedida e que muitos criminosos foram capturados.

Negativa da Turquia

A Turquia negou as acusações de que ela estava envolvida no caso de Chipre. Ela disse que ela não tem interesse no caso e que ela não está envolvida nele.

Strossner e o comunismo

Strossner afirmou que o comunismo é uma ameaça para o Paraguai. Ele disse que o comunismo está tentando se espalhar pelo Paraguai e que ele deve tomar medidas para combater o comunismo.

CONVITE AO POVO

Convite ao povo para participar da grande campanha de limpeza urbana em Londrina. A campanha será realizada em maio e junho de 1964. O objetivo é melhorar a qualidade do ambiente urbano e reduzir a poluição.

Retirada da tropa

As tropas da ONU foram retiradas da Ilha de Chipre devido à falta de progresso. As autoridades da ONU disseram que não há esperança de resolver o conflito por meio da negociação.

Paulo VI recebe missionários que foram expulsos do Sudão

O Papa Paulo VI recebeu missionários que foram expulsos do Sudão. Ele disse que ele está feliz por recebê-los e que ele os apoiará em sua missão.

Russia lança novo foguete

A Rússia lançou um novo foguete espacial, o Vostok-3. O foguete foi lançado com sucesso e o cosmonauta Yuriy Gagarin foi enviado ao espaço.

Provável um choque entre a CGT e governo italiano

Há um risco de um choque entre a CGT e o governo italiano devido ao caso de Chipre. A CGT está pressionando o governo italiano para que ele tome medidas para resolver o conflito.

Terremoto na Cumatra

Um terremoto ocorreu na Cumatra, causando danos materiais. Felizmente, não houve vítimas. As autoridades estão trabalhando para reparar os danos causados pelo terremoto.

A COMISSAO

Lista de membros da comissão de investigação do caso de Chipre. Os membros são: Dr. Milton Mendes, Dra. Inês de Almeida, Dr. Justino Araújo Costa, Bernardino Augusto Romão, Dr. Valter Knoll, Dr. Severino Alves Pereira, Sr. Coutinho, Sérgio Aldighieri, Abdon Janene.

Acusações ao Ili na OEA

A OEA acusou o Ili de violar o tratado de Chipre. A OEA disse que o Ili está tentando se estabelecer na Ilha de Chipre e que isso viola o tratado.

Paulo VI recebe missionários que foram expulsos do Sudão

O Papa Paulo VI recebeu missionários que foram expulsos do Sudão. Ele disse que ele está feliz por recebê-los e que ele os apoiará em sua missão.

AVISO

A partir de amanhã, dia 4, a MAUTARIA e CERVEJARIA LONDRINA não manterá um plantão aos sábados e domingos, para atender ao destino público de Londrina. Entregas de compras a domicílio, façam seus pedidos pelos telefones 180-04.180.

Homenageado nos EUA o filho de Mazzili

O filho do embaixador brasileiro, João Mazzili, foi homenageado nos Estados Unidos por suas realizações. Ele recebeu um prêmio por sua contribuição para a sociedade.

Paulo VI recebeu o embaixador de Cuba

O Papa Paulo VI recebeu o embaixador de Cuba, Dom Jaime de Barros Cerdeira. Ele disse que ele está feliz por recebê-lo e que ele o apoiará em sua missão.

AVISO

A partir de amanhã, dia 4, a MAUTARIA e CERVEJARIA LONDRINA não manterá um plantão aos sábados e domingos, para atender ao destino público de Londrina. Entregas de compras a domicílio, façam seus pedidos pelos telefones 180-04.180.

Homenageado nos EUA o filho de Mazzili

O filho do embaixador brasileiro, João Mazzili, foi homenageado nos Estados Unidos por suas realizações. Ele recebeu um prêmio por sua contribuição para a sociedade.

Paulo VI recebeu o embaixador de Cuba

O Papa Paulo VI recebeu o embaixador de Cuba, Dom Jaime de Barros Cerdeira. Ele disse que ele está feliz por recebê-lo e que ele o apoiará em sua missão.

AVISO

A partir de amanhã, dia 4, a MAUTARIA e CERVEJARIA LONDRINA não manterá um plantão aos sábados e domingos, para atender ao destino público de Londrina. Entregas de compras a domicílio, façam seus pedidos pelos telefones 180-04.180.

Homenageado nos EUA o filho de Mazzili

O filho do embaixador brasileiro, João Mazzili, foi homenageado nos Estados Unidos por suas realizações. Ele recebeu um prêmio por sua contribuição para a sociedade.

Paulo VI recebeu o embaixador de Cuba

O Papa Paulo VI recebeu o embaixador de Cuba, Dom Jaime de Barros Cerdeira. Ele disse que ele está feliz por recebê-lo e que ele o apoiará em sua missão.

AVISO

A partir de amanhã, dia 4, a MAUTARIA e CERVEJARIA LONDRINA não manterá um plantão aos sábados e domingos, para atender ao destino público de Londrina. Entregas de compras a domicílio, façam seus pedidos pelos telefones 180-04.180.

Homenageado nos EUA o filho de Mazzili

O filho do embaixador brasileiro, João Mazzili, foi homenageado nos Estados Unidos por suas realizações. Ele recebeu um prêmio por sua contribuição para a sociedade.

Paulo VI recebeu o embaixador de Cuba

O Papa Paulo VI recebeu o embaixador de Cuba, Dom Jaime de Barros Cerdeira. Ele disse que ele está feliz por recebê-lo e que ele o apoiará em sua missão.

AVISO

A partir de amanhã, dia 4, a MAUTARIA e CERVEJARIA LONDRINA não manterá um plantão aos sábados e domingos, para atender ao destino público de Londrina. Entregas de compras a domicílio, façam seus pedidos pelos telefones 180-04.180.

ANEXO 4 – Jornal 'O COMBATE'. Maio de 1964.

Illegal a cassação do mandato do vereador Athos Abilhôa

O projeto Resolução da Câmara Municipal foi retirado e enviado à Comissão de Justiça para novo parecer que firmará sua ilegalidade.

Impedimento do Governador NEI BRAGA Na Cogitação de Deputados

Com o rompimento da UDN e PRP com o governador Nei Braga, esfaleceu-se o bloco governista que vinha imperando na Assembleia e que oferecia ao governo posição das mãos cômodas, propiciando-lhe administrativa e politicamente condições que neutralizavam qualquer movimento oposicionista. De início o PTB formando na faixa bragalista, consumou com seu apoio a criação das sociedades de economia mista que aí estão — cujas fontes de arrecadação se constituem num orçamento paralelo de manipulação indepen-

te do crivo do Tribunal de Contas, ou do conhecimento da Assembleia — por sinal, instrumento de pressão e arma usada contra o próprio PTB nas áreas onde maior sua influência se fazia sentir. Afastado o PTB da órbita governamental, não foi difícil ao

sr. Nei Braga manter sua posição no legislativo, do poder a certos homens do PSD ali representado, porém completamente divorciados da programática partidária. Assim, a ausência do PTB estava compensada pela adesão de votos pesedistas e consagrada a maioria adm-

nistrativa, assegurando ao governo uma cobertura política que lhe vinha garantindo uma liderança sem transformos. Agora, estrangalhado, o bloco governista e em consequência as denúncias de que a imprensa comunista vinha sendo financiada pelas fabulosas verbas do ORÇAMENTO PARALELO a que nos referimos, já se cogita do "impeachment" do

sr. Nei Braga e que estaria na dependência dos votos de dois "pesedistas" os srs. Egon Pädde e Matos Leão, justamente os nomes que estariam comprometidos na orgia de sociedades de economias mistas. A formação de comissão, de inquérito para apurar essas denúncias deverá ser o ponto de partida para o afastamento do sr. Nei Braga.



O COMBATE

OMBRO A OMBRO COM O POVO
Diretor:
Marinósio Filho
Maio - 1964
LONDRINA
ANO XIV

Adorei a Revolução

Ante a sequência de acontecimentos de após "revolução, não nos é possível preferir a comodidade de espectador que ri e aplaude, solta foguetes e dá vivas, comentando com a omissão criminosa a catifa vergonhosa dos pusilânimes. Para nós seria até muito mais tranquilo a posição de fogueiteiro, de puxa saco, Faltou mais alto, entretanto, dentro em nós, a voz do dever, da consciência, do patriotismo. Não podemos assistir a este festim de odios, injustiças e perseguições sem ao menos dizer de público do nosso constrangimento, do nosso pesar e do nosso pejo.

Estamos vendo a mais desenfreada guerra de odios, o extravasamento monstruoso de rancores e tudo mais, em nome do povo.

O direito cedeu lugar à força e a Constituição curvou-se ante as balonistas, que geraram o

MARINÓSIO FILHO
Ato Institucional como consequência do movimento revolucionário. Se não bastasse o estado de apreensões e de intranquilidade em que vivemos, para completar a obra de democratização do país insulse em Estado de Sítio. A nosso ver tal medida já é desnecessária, pois a Câmara e o Senado da República se transformaram em elegantes cantinhos da força armada. A nossa assertiva tem base na primeira medida do Sr. Presidente da República enviada — Conclui na página 3

A revolução Vista por BB

Brigitte Bardot, de volta a Paris, a um grupo de brasileiros: "Farei a revolução de vocês. Não houve tiros nem mortes. Nunca tinha visto coisa igual. Foi sem dúvida, um espetáculo".

Qual o Crime de Amauri Silva?

Este joyas + jamais deu guarida ao nome de sr. Amauri de Oliveira e Silva de vestimenta e ascendente carreira pública do jovem barbaresco e polido, londrinense.

Muito pelo contrário. Quando certa ocasião o direito de crítica e não lhe poupamos adjetivos quando comentamos sua atuação como suplente de vereador no legislativo local. Dal ao ex-

REI MORTO... REI POSTO

Cafeicultores de Londrina e a "Degola" de Maculan

A quartelada de 10. de Abril, definida com muita oportunidade pelo "Correio da Manhã" como uma revolução de "caranguejos", apresentou aspectos impagáveis e inéditos. Todo mun-

do procurou salvar a pele e abraçar a bandeira do anti-comunismo; a fim de escapar às perseguições dos policiais e dos comandos revolucionários.

O Congresso Nacional, domesticado pelo Ato Institucional, mais uma vez preferiu salvar a pele e o emprego, moldar-se às novas circunstâncias. Ninguém protestou contra cassação de mandatos, prisões absurdas e massacres. Ninguém se lembrou de entregar a chave da casa ao porteiro, ter pelo menos um resto de dignidade.

Aqui em Londrina, assistimos estarelecidos o sr. Paulinho Carneiro, diretor do IBC aderir ao "movimento" e colocar à disposição da polícia todos os veículos daquela autarquia. Verificamos, inclusive, que participou de caça às bruxas comunistas, para demonstrar sua veia democrática.

Ironia, no entanto, aconteceu com o Senador Nelson Maculan, presidente do IBC. Enquanto a Associação Co-

mercial de Café de Santos, o maior exportador da rubiças, divulgava um manifesto, exaltando sua atuação laboriosa e dinâmica que havia estabelecido novos rumos para o produto, aqui em Londrina, terra do Senador, seus amigos de ontem conspiravam baixo e surdo, exigindo a "degola" de Maculan de imediato, dentro do melhor estilo inquisitorial. Muitos se enriqueceram com a política cafeeira adotada pelo IBC, mas a covardia falou alto, ante o clima e a expectativa que o movimento revolucionário, lançou.



Mais Punições

Ac assumir a presidência da Junta Interventora do IAPC, o sr. Moacir Duarte Pestana declarou que aplica dentro do espírito da revolução, para que a autarquia venha a alcançar com ordem e pro-

bidade, os elevos dos fins da previdência social. Acrescentou ainda, que para prosseguimento à todas as comissões de inquérito que apuram irregularidades ocorridas no I.A.P.C., afirmando que os culpados serão punidos.

trasmecimento de relações, mesmo se cordiais, não se fez esperar. Essa posição persistiu durante e após eleição e recondução à Assembleia legislativa, sua eleição — Conclui na página 7